

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**REPRESENTAÇÕES DE CORPOS E SEUS DISCURSOS: PINTANDO A TELA A
PARTIR DOS OLHARES D@S ACADÊMIC@S DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ADRIANE CORRÊA DA SILVA

**Dissertação apresentada, como requisito parcial
à obtenção do Grau de Mestre, ao Programa de
Pós-Graduação em Educação Ambiental, da
Fundação Universidade Federal do Rio Grande.
Orientadora: Paula Regina Costa Ribeiro**

**RIO GRANDE
2005**

ADRIANE CORRÊA DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES DE CORPOS E SEUS DISCURSOS: PINTANDO A TELA A
PARTIR DOS OLHARES D@S ACADÊMIC@S DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Comissão de avaliação formada pelos examinadores:

**Paula Regina Costa Ribeiro
(Orientadora - FURG)**

**Silvana Vilodre Goellner
(UFRGS)**

**Méri da Silva
(FURG)**

**Alfredo Martin
(FURG)**

AGRADECIMENTOS

Momento interessante este, entre a sensação de alívio e angústia. Alívio de conseguir cumprir os prazos e angústias por ficar com aquela sensação de que poderia ter sido melhor. Mas, diante destes sentimentos e outros que me invadem a todo o momento, deparo-me com este, também significativo que é o de só agora expressar nesta tela com todas as letras, meus agradecimentos.

Agradecer, agradecer e agradecer... Isto é o que quero e vou fazer agora para com as diversas pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para a construção deste trabalho.

Paula, minha brava e guerreira orientadora, além de cúmplice na escrita e interlocuções quase diárias, acreditou em mim e orientou meus devaneios, ajudando-me na constituição das condições que me possibilitam concretizar esta Dissertação. Muitas vezes me dizia que para eu concretizar meu objetivo ela agiria como “madrasta”, mas percebi que nesta representação estava era a amiga, colega, professora, fada madrinha que veio voando, dando o brilho que minha tela estava precisando. Paulinha, muito obrigada de coração, sabes o que realmente passei neste processo e sei o quanto me ajudaste.

A@s profissionais e colegas do CEAMECIM, sem esquecer ninguém, com quem tenho tido a alegria de conviver sempre que possível, agradeço pela afetividade e carinho com que sempre fui recebida.

A@s amigos Raquel e Miguel pelas noites de discussões em torno deste trabalho, obrigada. Valeu! A preocupação e demais contribuições. A Cimara, Carlinha e Janaísa por compartilharem e lutarem bravamente em relação ao que foi e se tornou este processo no Mestrado, em relação às bolsas de estudo, valeu gurias, conseguimos... Independentemente do que tenha acontecido, saímos vencedoras.

Obrigada ao grupo de acadêmic@s: Ademir, Adrian, Carlinha, Christian, Gabriel, Queli e Tiago pelas contribuições, amizade e compromisso assumido ao participarem da construção desta dissertação. Pessoal, valeu!

Agradeço a disponibilidade e generosidade d@s professor@s integrante da Banca Examinadora desta dissertação, Silvana Goellner, Méri da Silva e Alfredo Martin.

E como não poderia deixar de ser, meus muitos beijos e abraços de agradecimento à MINHA AMADA FAMÍLIA, com quem contei e conto a todo o momento. Mãe, obrigada

pelas orientações e representações de bravura, dedicação, amor e companheirismo. Pai, obrigada pela força e investimento em me fazer acreditar que somos vencedores em nossas caminhadas. Renato e Frederico, meus irmãos hoje longe, mas perto pela saudade, adoro vocês. Ao meu marido Claiton e minha filha Rafaela, o que tenho a dizer é que amo vocês e que *consegui-mos* com a ajuda e paciência. Obrigada pelos momentos que precisaram me deixar só para escrever e entenderam isto como uma fase passageira, pois bem, esta fase está sendo concluída, e a partir de agora podemos retomar e trilhar outros processos. Muito obrigada, carinhosamente a tod@s vocês.

SUMÁRIO

LISTAS DE FIGURAS	7
LISTA DE ANEXOS	8
RESUMO	9
ABSTRACT	10
1 - INTRODUÇÃO: DIÁLOGO SOBRE A TELA CONSTRUÍDA	11
<u>CAPÍTULO/TELA 1 - DESEJO DE FAZER ARTE</u>	15
1.1 - Representando os caminhos trilhados a partir das marcas que se inscrevem nos corpos	15
<u>CAPÍTULO/TELA 2 - PINCELANDO SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO</u>	23
2.1- Situando o estudo	23
2.2- Discutindo as representações	26
<u>CAPÍTULO/TELA 3 - PINTANDO OS CORPOS</u>	30
<u>CAPÍTULO/TELA 4 - PENSANDO A METODOLOGIA</u>	38
4.1- Investigação narrativa	39
4.2- Coleta, registro e análise de dados narrativos	40
4.3- Contando sobre o curso	42
4.4- Trilhando o percurso da investigação	44
4.4.1- Representações de corpos	44
4.1.2- Entendimentos de corpos	45
4.4.3- Buscando interlocutores	49
4.4.4- Corpos e identidades	49
4.4.5- Ambientes e seus corpos	52
4.4.6- Narrando os corpos a partir das histórias de vida	53
4.4.7- Refletindo sobre o curso	54
4.5- Comentando brevemente sobre os procedimentos das gravações	56
4.6- Esclarecendo quanto ao sigilo dos nomes d@s alun@s	56

<u>CAPÍTULO/TELA 5 - ANALISANDO AS REPRESENTAÇÕES DE CORPOS</u>	
DOS ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	58
5.1- Pintando a tela a partir das contribuições narrativas	59
5.1.1- Corpos enquanto fases da vida	59
5.1.2- Corpos - poder, força	63
5.1.3- Corpos - desejo, consumo	66
5.1.4- Corpos - instrumento de trabalho, segmentado, saúde	68
5.1.5- Corpos - expressão, midiáticos	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
ANEXOS	88

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Desenho produzido no Centro de Convivência da FURG.....	11
FIGURA 2: Painel produzido sobre Entendimentos de Corpos	46
FIGURA 3: Cenas retiradas do clip utilizado em um dos encontros.....	51-52
FIGURA 4: Painel produzido no Encontro Ambiente e seus Corpos	53
FIGURA 5: Fotos sobre as fases da vida.....	54
FIGURA 6: Representações de corpos enquanto fases da vida.....	60
FIGURA 7: Representações de corpos enquanto fases da vida.....	62
FIGURA 8: Representações de corpos - poder	63
FIGURA 9: Representações de corpos - poder	64
FIGURA 10: Representações de corpos - força.....	65
FIGURA 11: Representações de corpos - desejo	66
FIGURA 12: Representações de corpos - desejo	67
FIGURA 13: Representações de corpos enquanto visão de utilidade - trabalho.....	68
FIGURA 14: Representações de corpos enquanto visão de utilidade - submisso.....	70
FIGURA 15: Representações de corpos - expressão.....	72
FIGURA 16: Representações de corpos - imagem / midiático	73

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I: Termo de Consentimento.....	89
ANEXO II: Avaliação do Curso Corpo e Ambiente.....	90
ANEXO III: Avaliações respondidas do Curso Corpo e Ambiente.....	91
ANEXO IV: Mapa de Informações - Datas e eixos temáticos.....	100
ANEXO V: Fragmentos de textos de alguns autores que pesquisam na perspectiva dos estudos culturais.....	102
ANEXO VI: Portifólios.....	107

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar e conhecer as representações de corpos inscritos nos(as) acadêmicos(as) de Educação Física e os discursos articulados a estas representações. Para tanto, este estudo buscou a partir de um grupo focal, coletar os dados narrativos para problematizar o corpo, não apenas como um fenômeno biológico, mas sim, produzido através de distintos discursos, práticas sociais, enunciados científicos, dentre outras construções que circulam na trama social, além de discutir representações de corpos e problematizar pedagogias inscritas nos corpos. Sendo assim, utilizando o aporte teórico dos Estudos Culturais numa perspectiva pós-estruturalista, encontrei fundamentação para discutir os corpos como um construto social e cultural, pois este campo tem um importante deslocamento quanto ao entendimento de cultura e das suas relações na produção dos sentidos e dos sujeitos, tendo em vista, os Estudos Culturais, estar contribuindo para examinar as práticas culturais pelas quais os indivíduos vêm a entender a si e ao mundo que os atravessa, sendo alvo de diferentes e múltiplos marcadores identitários, baseada em Silva (1995, 1999, 2000), Larrosa (1994, 1995, 2003), Hall (1997, 2000) entre outros. Além de estar baseada nesta vertente adotei o ambiente para determinar o meio no qual estamos inseridos e somos históricos e culturalmente (re) produzidos e interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. É através do ambiente que as características, as “marcas”, passam a ser reconhecidas e incorporadas por nós, fazendo com que eu esteja imersa no discurso da Educação Ambiental apoiada em Reigota (2001) e Carvalho (2002). Partindo então deste contexto, a Educação Ambiental concebe processos, por meio dos quais os indivíduos e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, voltadas para a sustentabilidade do meio, essencial à qualidade de vida para as relações de ambiente. Como estratégia para a coleta de dados narrativos foi utilizado o curso intitulado “Corpo e Ambiente” constituído de nove encontros, um por semana na Escola Superior de Educação Física-UFPEL com sete participantes, sendo duas mulheres e cinco homens. A categorização foi feita através da análise de discurso, a partir das transcrições narrativas que emergiram nos encontros. Pensando nestas questões através do Curso foram construídas narrativas, em diferentes dimensões, sociais, culturais, políticas, enfim, criando resistência nas manifestações entorno das representações de corpos. Ao serem problematizadas, emergiram outras narrativas no fluir dos discursos, como “corpos enquanto fases da vida”, “corpos – poder, força”, “corpos – desejo, consumo”, “corpos - visão utilitarista, (corpos -instrumento de trabalho, segmentado, saudável)” e “corpos – expressão (corpos midiáticos)”. A partir de suas narrativas, conforme Larrosa (2003) do que se vem dizendo, sobre os corpos, observa-se que os corpos são constituídos por diversas épocas e atravessados a todo o momento pelos distintos discursos, práticas sociais, enunciados científicos, dentre outras construções que circulam na trama social, sendo assumidos e ressignificados pelos sujeitos.

Palavras-chave: Corpos, representações e ambientes.

ABSTRACT

This dissertation have by objective to analyse and to know the representations of bodies inscribed in the academics Physical Education and the discourses articulates in this representations. Fo amount, this study search at to break of a group focus, to collect the datas narratives for probe, no anly as a phenomenon biologie, but naturally, productive through of distinct discourses, social praticals, cientifcs annunciations, among others constructions that surround in the scheme social, beyond of to discuss representations of bodies and proub pedagogies inscribed in the bodies. In such case, is utilizing the theoretical support from Cultural Estudios in perspective post-structural, I did meet essential to talk over bodies as a social and cultural consctrution, because this camp haveimportant dislocately how much in the agrrement of culture and yours production regarding to of the sense and subjects, have in mind, the Cultural Estudios, to be contributor to examine the cultural praticals in which the persons start to learn yourself and of world wlat pass ove themselves about. Are target from differents and multiples markers recogmiton, based on Silva |(1995, 1999, 2000), Larrosa (1994, 1995, 2003), Hall (1997, 2000) among others. On the other side adopt theenvironment to determine the middle into which we are insert and we are historical and culturally reproduced and interpellated in the moment of differents situations, institutions or grouping socials. Is through of the environment that the characteristics, the marks, pass to be acknowledge and incorporated by we. Is doing with that I be in mersed into speech of Environment Education sustain in Reigota (2001) and Carvalho (2002). This is context, the environment Education conceive processes, where the persons and the collective form the social valorization, acquirements, accomplishments, returns to a sutentation of middle, of quality essential for life in the relationshipwhit environment. As strategy for a colled of data narrativeswas use the course in “Environment Body” constituted of nine appointments, one by week in School Higher Physical Education – UFPel with seven participates being two woman and five men. The category was make over of analyse ofdiscourse in the moment of the inscribeds narratives that emergead in the meetings – thinking in this questions across of Course werepurpose- built narratives, in differents dimension, socials, cultural, politicals, finally, creating resistances in the manifestations be involved whit the representations of bodies. At the were probes, emerged the others narratives in to flow of the discourses as “bodies as whhile phase of life”, “bodies – pawer, strength”, bodies – desire, intake”, bodies – vision useful, (bodies – instrument of work, segmented, healthy)”, and “bodies – expression (bodies mass communications)”. Fron on of yours narratives, correspondent Larrosa (2003) is saying if come is saying, about the bodies, if observe that the bodies are constitudes by several epochs and traversed the all moment by distincts discourses, social praticals annunciations cientifcs, enter others constructions as circle in the schene social, being assumed and after-meaning at subjectos.

Key-words: bodies, representations and environments.

DIÁLOGO SOBRE A TELA CONSTRUÍDA



FIGURA 1

Admirada com a paisagem que ora observo, aproveito uma tela da natureza e no vôo de um pássaro, que deteve minha atenção, quando me encontrava no Centro de Convivência da FURG admirando a rua, quando de repente um animal curioso (que não consegui identificar a espécie) ficou olhando, parado, observando a água, em cima do fio de luz, esperando o momento certo para dar um mergulho no ar.

Porém, antes parou no tempo, parou a intenção do mergulho e sustentado pelo bater das asas, esperou a hora certa, o momento exato para o movimento preciso e certo de imergir e pegar sua presa.

Mergulhou, caçou e voltou ao fio de luz. Ficou ali observando mais um pouco, sendo também por mim observado. Segui contemplando aquela tela natural que, nas pinceladas complexas do ambiente, fez emergir minha escrita e para justificar esta iniciativa, Marques (2001) diz que o escrever:

...é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam outros assuntos. Termina-se sabe Deus onde. Entretanto, se jogar conversa fora no falar e no escrever são caminhos para encontrar um começo, isso não nos exime de chegar a um começo (p. 13).

Começo então, a escrita sobre minha pesquisa situando o leitor, interlocutor no período como tudo emergiu. Pretendo relatar a experiência de constituição de minha Dissertação de Mestrado, realizada na Linha de Formação de Professores, no PPGEA/FURG, sob orientação da professora Dr^a. Paula Regina Costa Ribeiro. Esta investigação está articulada nos campos dos Estudos Culturais e da Educação Ambiental.

Neste primeiro momento situarei o leitor interlocutor a respeito da educação Ambiental (EA), pincelando um pouco sobre esta questão e no decorrer do trabalho estarão as abordagens que adotei para me referir a EA.

Partindo então deste contexto, a Educação Ambiental concebe processos, por meio dos quais os indivíduos e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, voltadas para a sustentabilidade do meio ambiente, essencial à sua qualidade de vida. E ainda, fomentam novas atitudes dentro da diversidade cultural, do pensamento crítico, reflexivo, preocupando-se com as complexas relações sociais, além de ser uma das mais importantes exigências da educação atual.

REIGOTA (2001, p. 58-59) salienta:

A educação ambiental que procurei abordar aqui não está vinculada à transmissão de conhecimentos sobre a natureza, mas sim à possibilidade de ampliação da participação política dos cidadãos. Nela está inserida a busca da consolidação dos problemas ambientais e uma melhor qualidade de vida para todos. Ela busca estabelecer uma nova aliança entre a humanidade e a natureza, desenvolver uma nova razão que não seja sinônimo de autodestruição, exigindo o componente ético nas relações econômicas, políticas e sociais. Portanto, é *sine qua non* na educação ambiental o diálogo entre gerações e culturas em busca das cidadanias brasileiras e planetárias.

Sendo assim, abordarei a Educação Ambiental com a intenção de visualizar diversas possibilidades para fazer com que as relações a partir dos ambientes vivenciados culturalmente por cada participante, sejam mais éticas e busquem a reflexão permanente a partir de nossos corpos. Conforme Carvalho (2002, p.36) o campo ambiental “...poderia ser caracterizada, de um modo geral, como a produção e reprodução da crença na natureza como um bem”, visto que, o respeito, a admiração e o cuidado com esse bem, estão dispersos, distantes precisando que nossos corpos assumam e protejam os ambientes que nos inscrevem permanentemente, carregados de suas culturas.

É mergulhada nestas culturas, particulares e carregadas de significados que busco a ressignificação dos corpos e seus discursos, encaminhando a tela para uma reconstrução de

conhecimentos e entendimentos. Essas forças produzidas e posicionadas ajudam a canalizar o trabalho, pois a desestabilização promove uma ação em prol do objeto de estudo.

Ao pesquisar os corpos a partir dos discursos de um grupo de acadêmic@s¹ da Educação Física, busco Foucault para contribuir com esta pesquisa, ao definir discurso como um conjunto de enunciados que se apóiam na mesma formação discursiva” (1995, p. 135), no qual fez com que as representações do grupo e seus discursos fossem indispensáveis para a construção desta Dissertação.

Sendo assim, trago nesta tela a questão de pesquisa, já que a escolha de um objeto de análise é complicada e não se dá sem a interferência de múltiplos olhares e vivências.

Que representações de corpos são inscritas n@s acadêmic@s de Educação Física e quais discursos estão articulados a estas representações?

Adotei a investigação narrativa conforme, BOGDAN e BIKLEN (1994), na qual os dados recolhidos são ricos em detalhes referentes a pessoas, locais, conversas, atentando para investigar a complexidade do fenômeno. Nesta investigação narrativa escolhi como estratégia para a coleta dos dados um curso, que foi denominado “Corpo e Ambiente” porque ele me possibilitaria não somente realizar a investigação, mas também pela possibilidade d@s acadêmic@s interrogarem e desestabilizarem as suas compreensões, representações e pedagogias vinculadas aos corpos.

O curso funcionou como um espaço narrativo, em que @s acadêmico@s participaram de um processo de contar histórias, ouvir histórias, de contrapor algumas histórias a outras a respeito das suas vivências em relação aos seus corpos.

Busco nas interlocuções com LARROSA (1994, 1995, 2003) o entendimento das narrativas como modalidade discursiva, possibilitando através do falar, a re-construção de si, do outro, a partir dos discursos e suas representações.

Apresentar uma possibilidade de análise cultural, é buscar a partir da interlocução de SILVA, justificar as escolhas de alguns trechos e figuras que considero mais significativas e produtivas ao final desta pesquisa. Obviamente não se trata de dar conta da totalidade de informações obtidas, nem classificar quantidades, mas de poder refletir e a partir de alguns tópicos, considerar questões propícias para analisar.

¹ Estou utilizando este símbolo: @ para contemplar a questão de gênero masculino e feminino no grupo pesquisado do Curso de Educação Física.

Na teorização introduzida pelos Estudos Culturais, sobretudo naquela inspirada pelo pós-estruturalismo, a cultura é teorizada como campo de lutas entre os diferentes grupos sociais em torno da significação. A educação e o currículo são vistos como campos de conflito em torno de duas dimensões centrais da cultura: o conhecimento e a identidade (2000, p.32).

Dentro desta organização de trabalho, resolvi apresentar em cenas – partes - capítulos que contribuam e façam um bom enredo com esta dissertação, possibilitando ao leitor construir e reconstruir seus entendimentos ao trilhar este caminho.

Capítulo/ Tela **1- Desejo de Fazer Arte**, faz um breve apanhado dos caminhos trilhados e representado por mim, a partir das marcas inscritas em meu corpo e que deram sustentação para minha escrita, pois contam um pouco da minha história de vida.

Capítulo/ Tela **2- Pincelando sobre os Estudos Culturais e Educação**, situam o leitor interlocutor dentro desta perspectiva pós-estruturalista e seus deslocamentos, procurando ainda, discutir as representações, sobre as quais, nos deparamos em nossa atualidade, realçando aqui o que nos remete os estudos sobre cultura e educação.

Capítulo/ Tela **3- Pintando os Corpos**, prossigo com os entendimentos de corpos, buscando um diálogo com autores e autoras que têm realizado estudos nesta perspectiva.

Capítulo/ Tela **4- Pensando a Metodologia**, busca relatar a metodologia de pesquisa, entendendo que para os estudos as nossas escolhas dependem das questões que são feitas e essas dependem de seu contexto específico. Assim, apresento a investigação narrativa e o curso “Corpo e Ambiente” que possibilitou a emergência dos dados narrativos.

Capítulo/ Tela **5- Analisando as representações de corpos dos acadêmic@s de Educação Física**, nesta etapa a partir das narrativas – fotos, figuras, falas, textos – construídos a partir das representações d@s acadêmic@s sobre seus entendimentos de corpos, foi feita a análise das narrativas mais significativas, sendo referenciados pelos interlocutores, autores autorizados no emergir de cada representação.

Capítulo/ Tela **6- Denominado, Considerações Finais**, nesta etapa contei com diversas vozes, tanto das narrativas d@s participantes quanto d@s teóric@s, acrescido de minhas palavras para a construção de um novo texto. Nesta experiência de análise escrevo sobre as representações emergentes quanto ao entendimento de corpos, visto que, os discursos são re-significados no próprio ato de narrar.

A seguir dou continuidade a esta tela, na tentativa de pintar sobre meus sentimentos, aprofundamento, do qual tive acesso, e os movimentos que me constituíram neste processo de construir meu percurso neste Programa de Pós-Graduação.

1 - DESEJO DE FAZER ARTE

1.1- Representando os caminhos trilhados a partir das marcas que se inscrevem nos corpos

Inspirada por um rabisco da paisagem e aproveitando a tela da natureza, faço emergir a escrita que tanto estava esperando, despreocupando-me sobre como começar.

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam outros assuntos. Termina-se sabe Deus onde. Entretanto, se jogar conversa fora no falar e no escrever são caminhos para encontrar um começo, isso não nos exime de chegar a um começo (MARQUES, 2001, p. 13).

Começo, então, a escrita sobre minha pesquisa situando o leitor, interlocutor, sobre quem sou, meu contexto histórico cultural e os porquês das minhas escolhas. Penso que situá-los, a partir dos ambientes em que me construí, é de suma importância, já que eles estão inscritos em mim, marcando e significando quem “estou” – pesquisadora, mãe, mulher, colega entre outros significados.

Silva (1999) destaca que as diferentes instâncias e práticas culturais encontram-se implicadas na produção de significados que, ao inscreverem nos corpos gestos, atitudes, valores, prazeres e desejos, produzem as pessoas. Partindo então deste contexto, considero o ambiente como um lugar vivenciado, experienciado pelos corpos, produzidos a partir das pedagogias² midiáticas, escolares, familiares, religiosas entre outras e neste sentido Reigota define meio ambiente como:

Um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade (2001, p.21).

² Para Ribeiro (2002, p.) “na perspectiva cultural, as pedagogias, enquanto processos sociais que ensinam, não se limitam ao espaço escolar – ao contrário, estendem-se a todos aqueles espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados”.

A partir desse entendimento adotarei ambiente para determinar o meio no qual estamos inseridos e somos históricos e culturalmente (re) produzidos e interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Sendo assim, é a partir do ambiente que as características, as “marcas”, passam a ser reconhecidas e incorporadas por nós. Minha vivência foi repleta de arte e de situações que entendo, hoje, fizeram com que me encontre aqui, imersa no discurso da Educação Ambiental.

Reconhecer-se, a si mesmo, como sujeito da história pode ser mais complicado e penoso do que tentar reconhecer o outro sob o mesmo aspecto. Contudo, não há verdadeiro reconhecimento de si e do outro senão por essa passagem pessoal e intransferível (REIGOTA, 2001, p. 10).

Percorrerei os diferentes ambientes vivenciados a fim de contar um pouco como este corpo foi e é produzido na pluralidade de culturas e práticas educativas, com as quais fui e estou convivendo. Então os convoco para mergulhar comigo nesta trajetória de vida e percorrer a construção deste corpo até aqui para entender minhas escolhas.

Lembrando com saudade de uma infância bem vivida, cercada de verdes, animais, açude, ar puro, plantações e de um repertório corporal marcado pelas brincadeiras infantis; retomo os discursos e os porquês dos caminhos trilhados até aqui e como eles me construíram enquanto professora e pesquisadora em Educação.

Na memória de um passado que originou o presente, lembro da menina, irmã, moleca que viveu até os sete anos de idade na campanha³ e, nesse período usufruí e aprendi a lidar, conviver naquele lugar típico, tradicional, inovador e bastante estimulante. Conforme lembro dessa época, os registros começam aparecendo com intensidade, bons tempos, ótimos tempos. São tantas lembranças, a invadir o pensamento entre elas a história das abelhas, o pacto da amizade, os banhos de canal e açude, a casa de pique⁴, as pernas de pau, a corrida do coro e claro as marcações⁵, tão comentadas pelo pessoal que ia ajudar, em função do meu pai, não

³ ”Campanha – a parte baixa do Rio Grande do Sul, a que fica ou estende-se entre a serra e o mar e onde floresce as industrias pastoris, abundando na mesma (principalmente nas fronteiras) as estâncias ou fazendas da criação. Esta palavra deriva-se de –campo” (CORRÊA, 1898, p. 42).

⁴ “Pau a pique – Parede de pau a pique é a que é feita de varas fincadas – umas verticalmente e outras no sentido horizontal – todas mui unidas por meio de cordas ou pregos e barradas...usada também para fechar hortas, fazem-se mangueiras e curraes...” (CORRÊA, 1898, p. 42).

⁵ “Marcação – A marcação nas estancias era antigamente (hoje não tanto) um serviço penoso e, ao mesmo tempo, para os ageios (pichurúm- coadjuvação que os vizinhos se prestam uns aos outros - p. 160) gaúchos e familiares do estancieiro, um alegre divertimento; pois nesses dias mulheres, crianças, criados, etc., todos vão assistir a esse serviço, fazendo divertido pik-nike no lugar em que se realiza a marcação, que em algumas fazendas dura muitos dias, vindo peões ou gaúchos de todos os pontos e bem assim os vizinhos” (CORRÊA, 1898, p.124).

deixar fazer tiro de laço nos animais, pois não gostava que judiassem dos bichos; por este motivo nenhum de nós (eu e meus dois irmãos) aprendeu a pealar⁶.

Gostei de ter aproveitado minha infância sem muitas limitações, mesmo tentando entender as vezes que fiquei de fora de alguma atividade campeira, em que só tinham homens. Por ser a única menina entre tantos familiares, minha mãe carinhosa e pacientemente explicava o porquê, da minha não participação em algumas atividades, ou seja, que estas atividades eram rudes, grosseiras que exigiam muita força e, assim, não era um espaço destinado a meninas. Para Ribeiro (2002):

Em cada sociedade, o ser "menino" ou "menina", é transmitido às crianças desde o nascimento, pelas práticas culturais estabelecidas num primeiro momento pela família e depois pelas diferentes instâncias sociais como a escola, a igreja, o clube, a mídia. Instituem-se aí, as estereotípias de gênero, reveladoras do tipo de sociedade e cultura em que os sujeitos estão inseridos. Meninos são fortes, jogam bola, usam roupa azul. Meninas são carinhosas, brincam de casinha, de boneca, usam roupa rosa, por exemplo.

Percebo, hoje, que me constituí dentro de uma cultura mais masculina do que feminina, principalmente no período em que tive múltiplas vivências corporais, num espaço sem muitos padrões pré-estabelecidos por estar ao “ar livre”, e poder viver dentro do contexto criado por estas possibilidades. Posteriormente, então, veio à preocupação familiar de como fazer para os meus movimentos grosseiros se tornarem mais finos e leves.

Chegada a minha idade escolar, meus pais deixaram a campanha e nos mudamos para a cidade. Nossa! Era tudo diferente e minha mãe em seguida me colocou no balé⁷ para “domesticar” meus gestos, que eram de moleque. Era preciso regular esse corpo feminino, moldá-lo, a fim de dar conta das normas e condutas vigentes em nossa sociedade.

Na verdade uma preocupação que não era minha, pois não me sentia rejeitada ou discriminada, por ser menina, e gostar de participar em atividades que socialmente se estabeleciam como masculinas (futebol, subir nas árvores, disputar corrida, jogar bolinha de gude, entre outras). Apenas eram brincadeiras que também brincava quando pequena, na campanha, com os meninos e me sentia capaz de fazer igual, ou melhor.

⁶ “Pealar – Prender o animal pelas mãos ou patas dianteiras, atirando nestas o laço, quando o animal vai correndo” (CORRÊA, 1898, p. 151) Laço– corda geralmente de 12 a 15 braças de comprimento, trançada com quatro tiras de coro (tentos) e apresentando em uma das extremidades uma argola e na outra uma presilha, que se une ao chinchado ou que se conserva na mão esquerda quando se está laçando a pé” (ibid., p. 108).

⁷ Balé – “Do francês-ballet. Representação dramática em que se combinam a dança, a música e a pantomima, e que comporta um enredo suscetível de ser expressado claramente através dos gestos e movimentos da dança” (FERREIRA, 1981, p.179).

Fora essa “domesticação de gestos” que a sociedade de certa forma “exigia” para as meninas e também para os meninos, era valorizada na comunidade escolar, o meu potencial esportivo, do corpo coordenado, flexível, preocupado, ágil, eu diria atlético, que eu tinha em virtude das vivências corporais inscritas no meu próprio corpo, que afloravam no momento da necessidade, da exigência e da aparência.

Ao narrar essas vivências percebo como as questões de gênero estiveram presentes na minha trajetória. Assim, considero necessário dizer, que estou fundamentada em posicionamentos que utilizam o conceito de gênero como uma construção sócio-histórica das distinções/diferenciações baseadas no sexo (Louro, 1997 e 1999). O que vale dizer que a masculinidade e a feminilidade, ao contrário do que algumas correntes defendem, não são constituídas propriamente pelas características biológicas, mas são produtos de tudo o que se diz ou se representa dessas características (Louro, 2000). Isso não significa uma negação da biologia dos corpos, mas tomar em consideração as construções culturais historicamente produzidas, a partir das características de natureza biológica dos corpos, neste caso, em relação às características dos sexos. Portanto, o nosso agir, como homens e mulheres, encontra-se implicado no processo de socialização em que fomos e estamos inseridos. Para Louro (2000, p.115) o conceito de gênero,

... passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

Já na cidade, fui para uma escola particular, a uma quadra de casa. Nela, passei dez anos da minha vida, enquanto estudante, e encontrei referências profissionais que foram de grande inspiração, motivação, dedicação e influência para minha escolha profissional pela Educação Física. Entre elas a Professora Rosi, na disciplina de Educação Física e nos treinamentos de handebol, e a professora Vânia, também professora de Educação Física, mas que atuava na área da Ginástica Rítmica, da qual também fui atleta, com treinamentos diários de três a cinco horas.

Conforme WOODWARD (2000, p.10), “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”. De certa forma, se incorpora e se assume discursos nas relações com os outros e se faz daquilo que não se é, contribuições para o que gostaria de se tornar. Para complementar meu entendimento sobre essa identidade profissional que

assumi em função dos discursos em mim representados, recorro assim, ao entendimento de identidade. Hall utiliza o termo identidade

para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (2000, p.111).

Desta época tenho dois fatos bem marcantes que foram e realmente definiram minhas atitudes na direção de quem me tornei. Depois de quase sete anos de Ballet Clássico, a convite da professora Verônica, começo a dar aulas e ajudá-la nas práticas. Com isso, aprendi muito, porém, chegou um certo dia, do qual preferiria não ter passado, quando ela reuniu pais, alunos e sem coragem de me antecipar nada, acabou falando e eu sabendo como todo mundo da academia, que ela estaria voltando para Porto Alegre, em função de doença e estaria fechando aquele espaço. Foi à segunda vez, fora a época da campanha, que chorei com uma perda, por tudo que ela era e se tornou para mim, assim como, a professora Vânia que também, deixou Santa Vitória do Palmar e transferiu-se para Pelotas, mas com ela eu segui mantendo contato devido aos treinos feitos pela Cláudia, sua substituta e aluna, que continuou os treinamentos e mensalmente nos trazia a Pelotas para treinarmos sobre os olhares amorosos, atentos, detalhistas e técnicos da professora Vânia.

Neste período continuei me constituindo filha, irmã de dois meninos, amiga, esportista, atleta, dançarina, estudante, professora, revolucionária, justiceira, guerreira, comportada; que saiu da campanha para uma cidade localizada no Extremo Sul do Rio Grande do Sul, para Pelotas.

Ainda na terra dos mergulhões⁸, vi crescer e ajudei a cuidar do meu irmão caçula Frederico; minha mãe retomou seus estudos e hoje é professora de Português e Inglês, meu pai seguiu como pequeno produtor rural e um admirador da boa leitura.

Depois, de toda minha trajetória estudantil, me constitui professora de séries iniciais na mesma escola em que estudei dez anos, Escola de 1º e 2º Graus São Carlos; mas, depois de um ano de atuação profissional, pedi demissão na tentativa do vestibular para Educação Física em Pelotas e, assim, cheguei ao Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPEL), em 1995.

⁸ Mergulhão – “Ave anatídea (Mergus octosetaceous Vieil.), do Brasil meridional, Argentina e Paraguai, de cabeça cinzenta, bico avermelhado e patas vermelhas; patão, mergulhador” (FERREIRA, 1981, p.913).

Já na ESEF/UFPEL tive a oportunidade de re-avaliar conceitos, re-descobrir caminhos e investir no corpo mulher, esposa, aluna, militante, colega, educadora e pesquisadora, visualizando corporalmente os benefícios e as influências da minha infância nas atividades propostas pelo curso e para a Educação Física escolar. Meu entendimento era claro, estou no caminho certo, é realmente isto que quero: constituir-me professora de Educação Física e trabalhar no ambiente escolar. Participei de muitos pré-estágios e projetos de extensão e percebi que principalmente na zona rural a aula se tornava mais prazerosa, sem problemas de espaço, com muitos materiais alternativos, a participação dos alunos era efetiva, havia uma cumplicidade maior, havia mais liberdade, apesar das “disciplinas” dos corpos, conforme Michel Foucault (1987, p. 118) escreve, havia uma relação complexa com o ambiente, produzida pelo lugar, pelos alunos e por mim, observadas posteriormente as aulas.

Durante meu curso de graduação fui, aos poucos, percebendo que a Educação Física não vive somente da estética⁹ e do treinamento, vive dos olhares e dos discursos dos quais estamos inseridos. Hoje, repensando as primeiras aulas, percebo que eu e a maioria de meus colegas perdíamos horas olhando, observando somente uma diretriz, a desportiva, que nos interessava, mas no final do primeiro semestre, já conseguíamos olhar atentamente e perceber outros rumos.

Ao falar desses corpos, acabo retomando algumas reflexões em torno da Educação Física, a fim de compreendê-la. Conforme o Coletivo de Autores, ao refletir sobre seus fundamentos alegam que:

...carecem de uma teorização mais ampla sobre os fundamentos da Educação Física escolar, por exemplo: a) Educação Física é educação por meio das atividades corporais; b) Educação Física é educação pelo movimento; c) Educação Física é esporte de rendimento; d) Educação Física é educação do movimento; e) Educação Física é educação sobre o movimento (1992, p.50).

Ao entender que a Educação Física surge da necessidade do ambiente, e que seus momentos históricos, constroem diferentes entendimentos do que dela conhecemos, faz com que “os exercícios físicos na forma cultural de jogos, ginástica, dança, equitação” (ibid.) surgidos no século XVII, sejam ainda referência, pois nesse período até o início do século XIX, consolida-se a sociedade capitalista “onde os exercícios terão um papel destacado” (ibid. p. 51).

⁹ Estou utilizando estética no sentido de modelos corporais socialmente instituídos.

Observa-se que a preocupação desta nova sociedade é com a construção de um corpo mais forte, ágil e empreendedor, e “é preciso ressaltar que, em relação às condições de vida e de trabalho... esse quadro pouco se alterou em país como o Brasil” (ibid.).

Cuidar do corpo significava cuidar da nova sociedade e conseqüentemente das práticas pedagógicas da Educação Física que foram colocadas em ação e que estão ainda em vigor, pois ao ingressar na licenciatura, e cursar as diferentes disciplinas, aos poucos, fui aprendendo os procedimentos específicos da área.

Durante o curso passei por diversas experiências em que estudei e aprendi as metodologias, entrei em contato com textos, debates em sala de aula, assuntos, objetivos, teorias e descobertas científicas.

Posteriormente ao curso de licenciatura, veio à oportunidade de atuar profissionalmente enquanto professora de Educação Física na Rede Municipal de Ensino em Pelotas, no ano de 2000, e também como professora substituta da Universidade Federal de Pelotas, especificamente na ESEF, em 2001. Esta situação deu-se ao mesmo tempo, sendo que acabei optando por continuar apenas na ESEF/UFPEL, tendo em vista que neste mesmo ano ingressei no Programa de Pós-Graduação em Nível de Especialização.

No Programa de Especialização, optei em analisar as características dos conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física, no Ensino Médio do Rio Grande do Sul, percebendo que o esporte reina como conteúdo regularmente desenvolvido e registrado no cotidiano escolar. De cada quatro aulas, três constituem-se de aulas referenciadas pelo esporte recreativo-competitivo. Na análise dos dados, ficam claros os discursos instituídos nos cursos de Educação Física, pois a abordagem desta pesquisa foi sobre as características dos conteúdos salientando que:

...as diversas formas de futebol, junto com o voleibol, compreendem 75,2% dos conteúdos regularmente desenvolvidos nas aulas de EF... evidencia-se um ‘praticismo’ esportivo – recreativo, ainda que por vezes sendo as únicas oportunidades de atividades formalmente prazerosas no ambiente escolar, com toda a sua validade e importância “sufoca” os espaços para teorização e problematizações (SILVA, 2003, p. 44).

Preocupada, desestabilizada com a diretriz esportiva dada aos conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física e, conseqüentemente, com o encaminhamento dado pelos programas de formação docente que, no caso da ESEF/UFPEL embora seja uma licenciatura,

comecei a querer entender mais sobre como os corpos são (re) significados no curso de formação de professores.

Para justificar meu interesse sobre os corpos retomo as primeiras formas de sistematizações sobre os exercícios físicos, conforme o Coletivo de Autores:

...denominados de Métodos Ginásticos, tendo como autores mais reconhecidos o sueco P. H. Ling, o francês Amoros e o alemão A. Spiess, com contribuições advindas também de fisiologista como G. Demeny, E. Marey, médicos como P. Tissie e ainda professores de música como J. Dalcroze (1992, p. 52).

Estes autores deram sustentação e garantiram o espaço da Educação Física enquanto componente curricular, pois era instrumento necessário para aprimoramento físico dos indivíduos, que fortalecidos e com saúde, contribuíram com a indústria do século XVIII e XIX, sendo esta uma das funções da Educação Física na escola, sem esquecer do seu caráter científico, marcada pelas ciências biológicas.

Sendo assim, tendo em vista minha trajetória até aqui, não poderia deixar de falar e escrever sobre esse corpo que foi se construindo desde pequena na campanha, até o curso Mestrado em Educação Ambiental. Corpo este carregado de identidades mutantes, construídos pelos discursos do “nós”, enunciados a cada escrita, fala, história que motivou minhas escolhas nesta dissertação.

Considero que nos discursos que me constituíram estão presentes às culturas das mulheres e dos homens, pelo menos numa maneira de olhar as coisas com outros olhos, do que é permitido e do que é omitido no cotidiano vivido. E com esse olhar quero continuar construindo meu cotidiano a fim de costurar os porquês na investigação sobre corpos com acadêmicas de Educação Física.

E, sendo assim, trago a questão de pesquisa que norteia este trabalho: **que representações de corpos são inscritas nas acadêmicas de Educação Física e que discursos são articulados/as a essas representações?**

É através dos campos teóricos dos Estudos Culturais que encontrei amparo na perspectiva pós-estruturalista para ter a fundamentação teórica e discutir o corpo a partir dos ambientes que o constituem, ou seja, dos diferentes modos pelos quais ele aparece representado. E, sendo assim, o convido para seguir percorrendo comigo estes entendimentos.

2 - PINCELANDO SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

2.1- Situando o estudo

A fim de discutir os corpos e os diferentes modos como ele são representados pel@s acadêmic@s de Educação Física, procurei estabelecer algumas conexões com os Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalista, dentro desta tela. Este é um novo campo de estudos, que se ocupa com problematizações associadas aos artefatos e as práticas culturais, privilegiando questões como cultura, significação, saber, identidade e poder. Para (SILVA, 1999) a perspectiva pós-estruturalista tem destacado as relações das descrições lingüísticas sobre a realidade, na qual se está em constante produção. Estas produções acabam descrevendo o próprio objeto, que é o discurso produzido a partir da trama lingüística.

O propósito não é aprofundar discussões em torno dos Estudos Culturais muito menos, defini-los, uma vez que, desde a sua emergência na década de 50, na Inglaterra, eles não se configuraram como uma disciplina, ao contrário, caracterizam-se por ser um campo de estudos que utiliza diversas disciplinas. Para Hall et al “uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade”(apud ESCOSTEGUY, 1999, p. 137) e para Nelson, Treichler e Grossberg (1995, p. 8), os Estudos Culturais “não são simplesmente interdisciplinares; eles são freqüentemente, como outros têm dito, ativa e progressivamente antidisciplinares”.

É importante destacar que os autores das primeiras obras que originaram os Estudos Culturais pertenciam a famílias de classe operária que acenderam as universidades britânicas e analisaram a cultura popular como seus integrantes, mas não, como quem fala de fora dela.

Os autores que inauguraram os Estudos Culturais britânicos foram Hoggart (1957), Williams (1958) e Thompson (1963), cujos textos “tinham em comum uma preocupação com a condição social e cultural da classe operária, com a redefinição de concepções elitistas e tradicionais de educação e com a definição de uma “cultura comum”, suficientemente ampla para incluir a cultura popular e a cultura mediada pelos meios de comunicação de massa” (SCHULMAN, 1999, p.177). Em 1964, Hoggart e Williams criaram o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, cuja institucionalização acadêmica foi e é questionada, uma vez que os Estudos Culturais emergiram na tensão existente entre a academia e a cultura popular.

Neste sentido, os Estudos Culturais questionam as concepções elitistas que distinguem a “alta cultura” da “baixa cultura”. A “alta cultura” associada aos clássicos da literatura, da pintura, da música, da filosofia – e a “baixa cultura” – vinculada à música popular, à publicidade, ao *design*, às atividades de lazer (HALL, 1997; COSTA, 2000).

Assim, um importante deslocamento produzido por esse campo refere-se ao entendimento da cultura e das suas relações na produção dos sentidos e dos sujeitos. Para Steinberg, os Estudos Culturais, tem contribuído para “examinar as práticas culturais pelas quais os indivíduos vêm a entender a si mesmos e ao mundo que os cerca” (2001, p. 15).

Como o entendimento de cultura é central para estes estudos, apresento algumas compreensões que, ao meu ver, entre traços e rabiscos, mais se relacionam com as discussões que procuro desenvolver nesta pintura.

A cultura pode ser entendida tanto como uma forma de vida - compreendendo idéias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder - quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante. Ou ainda, “os terrenos reais, sólidos, das práticas, representações, línguas e costumes de qualquer sociedade histórica específica” (HALL APUD NELSON, 1995, p. 14-15). Ou como diz Hall, “a produção e o intercâmbio de significados – ‘o dar e o receber de significados’ – entre os membros de uma sociedade” (1997, p. 2), ou seja, que a produção cultural de significados se dá sempre através de uma grande diversidade de significados com os quais um grupo social se identifica ou se identificará num permanente movimento de (re)negociação com outros grupos. SILVA destaca que “os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla” (1999, p.133-134).

Portanto, os indivíduos são produzidos por construções/representações que circulam na cultura, constituindo e instituindo o que e como “ver” a si e ao mundo. Para SOUZA, assim os “sujeitos e práticas discursivas - podem ser percebidos como representações de grupos sociais, ficções de outros e outras, fabricadas nas múltiplas experiências de vida” (2000, p.100).

Embora os Estudos Culturais não sejam um campo homogêneo, examinam as práticas culturais e suas relações de poder na produção do sujeito, identificando as relações de poder e como elas influenciam e moldam as práticas culturais e os sujeitos. Portanto, algumas versões dos Estudos Culturais, especialmente as abordagens pós-estruturalistas que se utilizam às

concepções de poder e discurso de Foucault, vão ocupar-se com as práticas culturais implicadas na produção de significados que, ao criarem os modos de nomear, ordenar e representar a realidade, direcionando e delimitando o campo das percepções e das ações possíveis dos sujeitos no mundo.

São essas construções produzidas no interior de determinados discursos e práticas sociais imbricadas em relações de poder que instituem o sujeito e a cultura. Deste modo, as contribuições da virada lingüística são importantes para o entendimento de linguagem, que passa a ser entendida, não mais como veículo neutro e transparente de representação da “realidade”, mas como constituidora de “realidades”. Para Veiga-Neto (1996, p.168), “mais do que mediatizar, isso é, intermediar ou representar para nós o que é o mundo, a linguagem constrói o mundo (...) a linguagem constrói o que interessa do mundo, isso é, constrói os sentidos que damos ao mundo”.

Desse modo, os significados e “os objetos” que dizemos existirem no mundo, não existem a priori, mas são estabelecidos nas redes das práticas discursivas ou não, vinculadas a regimes de verdade que lhes dão legitimidade. Neste sentido, o poder atua como se fosse uma rede “a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 1997, p. 90). Nesta rede, os indivíduos não só circulam, mas estão em posição de exercer o poder e de sofrer sua ação, eles não são os alvos inertes ou consentidos do poder, mas seus centros de transmissão (FOUCAULT, 1998). Outro aspecto consiste em entender o poder não como coercitivo, repressivo e negativo, mas como produtivo: “ele inventa estratégias que o potencializam; ele engendra saberes que o justificam e encobrem; ele nos desobriga da violência e, assim, ele economiza os custos da dominação” (VEIGA-NETO, 2000, p. 63).

Sendo assim, deixo registrada, a intenção de situar o leitor, interlocutor desta tela, sobre os entendimentos dos Estudos Culturais, para que juntos possamos continuar os rabiscos no desejo de outras pinceladas, a fim de continuarmos percorrendo e entendendo este trabalho, que a partir de agora vai trilhar os caminhos das representações.

2.2- Discutindo as representações

Tendo em vista que nesta pintura já foram dados alguns traços e rabiscos, há a necessidade de explicitar o que se entende por representação, já que este conceito está

permeando todo o trabalho e estabelecendo relações com o que estamos dizendo e procurando dizer a partir dos corpos d@s acadêmic@s de Educação Física.

Esse é um conceito importante para diversos campos de estudo – História, Antropologia, Literatura, Comunicação,... –, pois diferentes significados são atribuídos a esse termo como: representação mental, representação social e representação cultural.

No entanto, neste estudo me interessa a discussão sobre a representação cultural, pois, para Silva:

Na análise cultural mais recente, refere-se às formas textuais e visuais através das quais se descrevem os diferentes grupos culturais e suas características. No contexto dos Estudos Culturais, a análise da representação concentra-se em expressão material como “significante”: um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. Pesquisam-se aqui, sobretudo, as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação (2000, p. 97).

Na perspectiva dos Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas, as representações não espelham uma realidade verdadeira, ou seja, como algo “real”, mas sim são construídas discursivamente, a partir de uma rede de significados, instituídos e colocados em circulação através das linguagens, ou como coloca Silva (1999, p. 32), “as formas pelas quais esse ‘real’ e essa ‘realidade’ se tornam ‘presentes’ para nós – *re-presentados*”. Para Veiga-Neto (1996, p. 168) não existe uma suposta realidade do mundo, para o autor o que importa “é o sentido que damos para as coisas que estão no mundo; e só podemos dar sentido por meio da linguagem”.

Para Stuart Hall (1997), a linguagem é vista como sendo essencial para o significado e para a cultura, pois ela passa a ser vista como atuante na construção de sentidos que damos ao mundo, ou seja, “a linguagem é um dos ‘meios’ através dos quais, pensamentos, idéias e sentimentos são representados em uma cultura. A representação através da linguagem, portanto, é central para os processos onde é produzido o significado (ibid, p.1).

Sendo assim, através das várias linguagens: musical, corporal, verbal, etc., suas relações e na forma como as utilizamos em cada contexto, é dado sentido às coisas, às pessoas, e ao ambiente de convívio. Ou seja,

Através do uso que fazemos das coisas, e o que dizemos, pensamos e sentimos acerca destes – como os representamos – que os damos significados. Em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos conosco. Em parte damos significado às coisas através da forma como as utilizamos, ou às integramos em nossas práticas do cotidiano (HALL, 1997, p. 3).

Entretanto, Hall salienta que os significados vão sendo adotados por determinados grupos sociais, que partilham os mesmos códigos culturais, no qual os significados vão sendo produzidos, porém isso não significa que esses grupos ao compartilharem da mesma linguagem compreendam os códigos e seus significados da mesma forma. Devemos destacar que não existe um único significado verdadeiro para as coisas, há em realidade, uma grande variedade de significados, pois, os mesmos não são fixos, essenciais e damos sentidos às coisas de acordo com a forma como as interpretamos e dos discursos que nos acessaram e que acessamos.

A linguagem é a maneira pela qual a representação produz seus significados e Silva (2001) salienta que são marcas significativas do conhecimento e é por intermédio da linguagem, dos sinais, dos símbolos, das marcas que representamos nossos sentimentos, pensamentos e idéias.

Hall, salienta que a representação acaba sendo um conceito importante pelo papel constitutivo que tem, pois é através dela que atribuímos determinados significados aos sujeitos, objetos e eventos, ou seja, damos significados através do modo como os representamos: “as palavras que usamos, as histórias que contamos acerca das coisas, as imagens que produzimos, as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, os valores que lhe damos” (1997, p. 3).

Um exemplo apresentado pelo autor é sobre o quadro “Las Meninas” pintado por Velásquez. O quadro “representa” uma cena do cotidiano da corte real espanhola, que suscita ao espectador várias interpretações que vão além de um simples retrato da vida cotidiana, para Hall “o significado, portanto, é construído no diálogo entre a pintura e o espectador” (Hall, 1997, p. 60). Nesta afirmação Hall, questiona a idéia de “retrato”, enquanto espelho quando diz que: “naturalmente, as pessoas que estão na pintura podem ‘parecer’ pessoas reais da corte espanhola, mas o discurso da pintura nesse desenho está fazendo bem mais do que simplesmente tentar espelhar com precisão o que já existe (op. cit., p.59)”. O jogo estabelecido entre os ideais da Modernidade – preocupação com o real e os dos Estudos

Culturais (pós-estruturalista), esbarra nas representações que levam o interlocutor a olhar além do retrato, observando nele outros discursos.

Para Santos (1997, p. 92) a representação cultural é um processo de construção de significações:

Mais do que “simplesmente” descrever/apresentar, as representações estão ativamente produzindo os grupos, as pessoas, a cultura de que fala, suas identidades. Além disso, neste processo de produção, já estão tecidas relações de poder e regulação, instituídas por identidades sociais hegemônicas (branquidade, heterossexualidade...) que se apresentam como os parâmetros a partir dos quais se vê os demais grupos, pessoas e culturas como diferentes – sendo atribuído um valor a esta diferença, geralmente em defasagem sob o ponto de vista de tais identidades hegemônicas. Parte do trabalho ao se analisar as representações culturais passa, então, por mostrar o processo de construção de significados em meio a intensas disputas de poder, onde quem fala, o que fala e como fala tem profundas implicações para a vida das pessoas apresentadas.

É importante trazer para discussão o deslocamento que Foucault (1995) promove sobre discurso como sistema de representação, pois para o autor o importante são as declarações significativas, produzidas pelas regras e práticas e que normalizam o discurso nos distintos períodos históricos. É uma forma de representar o conhecimento a partir de determinado fato em determinado momento histórico, influenciando e atravessando o sujeito de diferentes formas e entendimentos a partir de suas práticas sociais.

Larrosa (1995), ao discutir também as idéias de Foucault e perceber que através das representações do outro também nos reconhecemos, mostra como o sujeito vai sendo produzido na conexão entre saber e poder e se re-conhecendo a partir do entorno.

A utilização dos esclarecimentos sobre representação nos ajuda a entender, articular e ir alinhavando ao assunto sobre corpo que é um dos focos do meu trabalho.

Tendo a representação, produzindo diferentes significados, olharemos a partir dos Estudos Culturais, as representações significativas, os traços, as marcas, os discursos, representações visuais e textuais a partir dos corpos do grupo interlocutor do curso narrativo que deu origem a este trabalho e desta forma acabamos dando significado para as coisas através das falas, das histórias, das fotografias, dos sentimentos verbalizados e expressados a partir dos corpos. As representações culturais atribuídas aos corpos que não são somente organismos, corpos visualizados geneticamente, mas que levam em consideração a sociedade, suas relações, diferenças, ambientes compartilhados e significados que são importantes nas ações cotidianas.

Neste sentido, não busco nesta pesquisa apenas conhecer as representações culturais dos corpos d@s acadêmic@s a fim de transformá-l@s, mas, sim busco discutir como somos “fabricad@s” por meio dos processos de representações.

E, sendo assim, é importante para esta pintura, fazer alguns rabiscos em torno dos corpos que emergem, dando significado a este processo de construção acadêmica.

3 - PINTANDO OS CORPOS

Ao longo da história ocidental, da arte à medicina, passando pela política e pela religiosidade, o corpo humano não cessou de ser objeto de adoração, estudo, adestramento, punição e, sobretudo, de representação por meio de imagens (SANT'ANNA, 2003).

Continuando a pintura, entre traços e rabiscos, na tentativa de percorrer um pouco a história do corpo, trago então alguns discursos que o envolvem. Porém, manter a criatividade e inventar maneiras de expor estas idéias tem sido um desafio, porém, faço desta escrita um exercício político de liberdade.

Acredito que desta maneira vou construindo a dissertação através de uma pintura ou tela, como estou definindo minha escrita. Uma forma de conhecer, desbravar e pensar caminhos diferentes para trilhar e deixar emergir a escrita com a ajuda dos autores – interlocutores em torno do tema.

Para isto faço um mergulho histórico, trazendo algumas considerações à cerca da revolução histórica do corpo grego até o contemporâneo, e sendo assim, conforme CHAÚÍ¹⁰ apud SIEBERT (1995, p. 15) não se pode ver a história como uma seqüência de fatos, mas sim, como a maneira em que os homens criam meios e estratégias para sua existência econômica, social, política e cultural.

Na antiguidade clássica o corpo já era glorificado, com ênfase nos atletas, que recebiam regalias do Estado. Em Esparta destacavam-se as atividades corporais na formação dos jovens, expondo estes corpos fortes e férteis. A classe pobre era preparada para a lida, para o ofício braçal, e a classe nobre era direcionada ao culto do belo, fato que ocorre até meados da Idade Média, onde a Igreja Católica dominava e pregava a proibição de qualquer adoração, ou seja, os preceitos religiosos e o bem da alma eram colocados acima de tudo, conforme ROMERO¹¹, apud SIEBERT (1995, p. 17).

¹⁰ Marilena Chauí. Conformismo e resistência. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

¹¹ Elaine Romero. “O corpo no século XVII: elementos para a compreensão das atividades corporais e redimensionamento de uma praxis na passagem para o 3º milênio. In: Ensaios: Educação Física e esporte. Vitória, CEFD da Ufes, vol. I, 1993.

Em Atenas de A.C., os homens andavam quase nus, de acordo com SENNETT (2003, p. 30) e a Grécia aproveitou esse corpo exposto e fez dele um objeto de admiração, na qual, o exibir-se dava ao cidadão ateniense dignidade. A nudez tinha um valor que surgia da idéia que tinham sobre o interior do corpo humano, acreditando que o calor corporal era a chave da fisiologia humana e quanto mais quente, mais forte e mais ágil seriam. Já as mulheres eram tidas como frias em relação aos homens, não andam nuas, ao contrário, usavam túnicas até os tornozelos. Os gregos utilizavam a teoria do calor corporal para estabelecer regras de subordinação e dominação (ibid, p. 31-32).

Os jovens eram levados ao ginásio ateniense para exercitarem-se. A força garantia um bom guerreiro, a voz educada, a atenção dada quando solicitada, a educação sexual, a liberdade e a cidadania, ensinava aos jovens de que o corpo era parte da “polis”, da coletividade, da cidade. Os gregos envolviam-se com mulheres e homens e geralmente os mais velhos conquistavam os jovens, conforme diz SENNETT (2003, p. 42-44).

No século XVII, a diversidade da vida social e a necessidade de conhecimento fizeram com que houvesse uma busca por homens ativos e livres corporalmente de acordo com SIEBERT (1995, p. 18-21).

As primeiras idéias de corpos eram fornecidas pela “mecânica”¹² pensado como máquina, concepção superada pela ciência biológica em seguida, passando a observar o corpo enquanto organismo vivo, sofrendo testes experimentais, laboratoriais, submetidos a modelos rígidos, desprestigiando a subjetividade do corpo.

Salienta SIEBERT (1995, p.25) que por volta do século XVII e XIX a Europa desenvolve políticas para o controle populacional. Nessa mesma época é consolidado o estado Burguês, que para manter uma hegemonia, tende a criar um homem que suporte as ordens político-econômicas por meio da disciplina e da coerção.

Já no corpo contemporâneo, através de CODO & SENNE (2004, p. 7-9) mostra a necessidade de viver intensamente o prazer no corpo, porém, esta busca pela liberdade, tem cada vez mais sendo reprimida. A partir dessa cultura de obsessão pelo corpo, pelo encontro do homem consigo mesmo, tem-se formado alguns dogmas na tentativa de recuperar o controle de si próprio. Essa busca pela individualidade e pelo auto-conhecimento são maneiras de suportar as pressões do mercado capitalista.

¹² Principal ciência da época.

Sendo assim, houve uma transformação no trabalho, da era do feudalismo à era do capitalismo, onde havia uma liberdade para vender a força de trabalho, subordinada ao comércio de produtos necessários para a sobrevivência. O capital sobrevive das necessidades humanas, e não sendo estas suficientes, criam-se mais necessidades para que os sujeitos fiquem vinculados, presos as suas carências (ibid, 31-66).

Depois desta pincelada histórica, esta pintura requer um mergulho mais intenso sobre o corpo. Para isto busco Foucault (1979) na intenção de ressignificar o corpo como a “superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do EU (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização” (p.22). Nossos corpos são como sistemas vivos em inter-relações com os ambientes que os inscrevem, estando intimamente inseridos na trama social que os corporifica.

Perceber e percorrer o corpo a partir da história nos permite olhar a multiplicidade d@s outr@s que nos habitam, possibilitando o estranhamento daquilo que ouvi, contei e que acredito sejam as certezas e incertezas diante do que me tornei e continuamente me torno. Essa maneira de olhar a história quer, “mostrar as discontinuidades, os regimes, as multiplicidades, as relações de força, os interesses, os sentimentos, enfim, os elementos cotidianos a que os corpos se encontram submetidos” (SOUZA, 2001, p. 122). Esta é a intenção: refletir e problematizar a partir das inscrições tais gerenciamentos para poder, se necessário re-construir quem nos tornamos.

Nos corpos estão inscritas as regras sociais, especificados pelo seu ambiente, culturalmente representados. Este corpo registra múltiplas interferências, visto que, sua constituição se dá por meio do convívio com o outro, consigo mesmo e com diferentes culturas, e que vão produzindo marcas nesses corpos. Para Louro (2003) “ao longo dos séculos, os sujeitos vêm sendo examinados, classificados, ordenados, nomeados e definidos pelas marcas que são atribuídas a seus corpos. Os corpos somente são o que são na cultura. Sendo assim, os significados de suas marcas não apenas deslizam e escapam, mas são também múltiplos e mutantes”. Neste sentido, busco entender/perceber como os corpos foram e vão sendo construídos a partir de práticas culturais.

Historicamente o entendimento sobre o corpo avançou a partir de uma concepção baseada no dualismo ocidental, corpo/alma, corpo/espírito, corpo/mente, corpo/razão. Para Louro (2003) o corpo nesse dualismo era visto como um elemento menos nobre do par, para ela:

Nesses pares, ele ocupava o lugar da natureza em oposição ao da cultura; o local do primitivo em oposição ao do civilizado; o lado animal e instintivo em oposição ao racional ou ao humano. Para que tais dicotomias “funcionassem” era preciso tomar seus pólos como exteriores um ao outro, como independentes e *incontaminados*. O corpo, nesta lógica tradicional, não poderia ser pensado como instância da cultura ou como esfera da política.

Porém, sabemos que essa compreensão sobre os corpos foi sendo alterada através da necessidade de conhecer e de controlar o corpo, assim, vários campos disciplinares como o da anatomia, bioquímica, saúde, fisiologia, higiene, entre outros foram produzindo discursos sobre os corpos e instituindo certas “verdades”.

No ano de 1920 e 1930, foi implementada pela medicina social e higienista, ações de conservação e controle da saúde individual e coletiva, buscando a melhoria da sociedade e um controle sobre os corpos. Porém, é no final do século XIX e início do século XX que chega no Brasil esse novo ideal, cuja preocupação é a saúde da população e a “idéia de que um povo educado e com saúde é a principal riqueza da nação” (GÓIS JUNIOR e LOVISOLO, 2003, p. 42). Para os autores, este discurso do movimento higienista é o mesmo movimento do discurso de saúde dos dias atuais, com algumas alterações decorrentes das mudanças “demográficas, alimentares e de estilo de vida” (ibid.), o que fez com que esses discursos fossem re-significados.

Para SANT’ ANNA (2000, p. 50)

Ao longo do século XX, por exemplo, o corpo foi redescoberto pelo higienismo redentor e pelos combates contra a suposta degenerescência das raças, a seguir pela proliferação das colônias de lazer, pela expansão do cinema, do escotismo e da emergência das férias pagas, depois pelas seduções da publicidade e da televisão e, mais recentemente, pelos movimentos de liberação sexual, pelos novos ritmos musicais, as diferentes tendências da moda, a massificação da pornografia e, enfim, o advento da biotecnologia.

Na década de 30, o discurso do qual se valiam médicos e vozes autorizadas, associavam a feminilidade à beleza e este discurso permanece ainda circulando na nossa sociedade. Há uma insistência com relação a higiene, a intimidade feminina, aos cuidados com o embelezamento de um modo geral que, nesta época do movimento higienista, deu forças a “cultura do espaço íntimo” (SANT’ANNA, 1995, p.122). Neste contexto social, o médico é valorizado como a figura indispensável para a organização moral e social dos grupos culturais. Neste mesmo

pensamento, a igreja, também, ditava suas regras em tornos dos cuidados femininos, fazendo um discurso de que “a beleza é fornecida por Deus” (ibid., p.125).

As vozes autorizadas a falar sobre beleza e intimidade feminina, durante décadas, foram masculinas (médicos, escritores moralista) e *a posteriori*, na década de 50, aparecem outras vozes significativas também autorizadas a falar deste corpo, que são as vozes femininas das artistas. No final desta década, a beleza torna-se um direito de mulher e só fica feia quem quer, pois cada uma é responsável por manter esse embelezamento, conforme SANT’ANNA (1995).

A preocupação com os cuidados da mulher em relação aos seus corpos, vista pelos médicos, era de que a falta dos cuidados necessários, e indispensáveis referente à higiene feminina, poderiam provocar doenças e afetar a fertilidade. Está se falando sobre uma época, na qual, a intimidade e o embelezamento feminino foram determinantes para as representações dos corpos de mulheres nas décadas de 30 a 40.

Nesta época o pensamento das práticas corporais estava baseado em pressupostos científicos e filosóficos, que eram determinados pelas instituições médicas e militares, de acordo com BRACHT (1999). Então, é claro o entendimento dos métodos ginásticos, instituídos e fundamentados nas ciências biológicas - articulado com um projeto de Educação Física para a educação brasileira.

Caracterizar esse corpo é retomar a história e entendê-lo como sendo constituído culturalmente, e que a idéia biológica ao revelar uma determinada concepção de ser humano manifesta apenas sua expressão biológica. Para perceber melhor o corpo, é preciso entendê-lo como resultado de uma construção cultural, ou seja, que ao nascermos não somos apenas um organismo, mas um corpo que vai pouco a pouco se constituindo, nas relações, inter-relações e interconexões com outros corpos e ambientes que lhe constituem, diretamente ou indiretamente, revelando, assim, identidades e uma cultura que se entrelaça no convívio social, permitindo, através de atividades corporais, pois como o jogo, dança, esporte, entre outras, exercitar a criatividade, a liberdade, a alegria, o prazer, o bem estar e as necessidades dos corpos em desenvolvimento. Para DAOLIO:

...é possível questionar a noção de que existe uma dimensão puramente biológica na natureza do homem. Se houve um desenvolvimento interativo entre os componentes biológicos e socioculturais, um afetando o outro igualmente, não é possível separar esses dois aspectos. O cérebro humano é também cultural, já que desenvolvido, em grande parte, após o início da cultura e influenciado e estimulado por atitudes culturais (1994, p. 33).

Souza, nos estudos que vem realizando, tem buscado discutir o corpo humano não como um organismo biológico, “categoria constituída pelas práticas e pelos discursos dos conhecimentos anatômicos, fisiológicos, citológicos, bioquímicos entre outros” (p. 98), mas sim como produzido por práticas culturais. Para realizar essas análises a autora (2001, p. 96) nos diz que é necessário “fazer o exercício de pensar a materialidade existente – humana – sem as categorias (organismo biológico, masculino, belo, saudável, branco, dentre tantas outras)” instituídas nas práticas discursivas das diferentes instituições como a biologia, medicina, família, mídias, entre outras, e perceber, problematizar o entendimento de corpo a partir de outros olhares e possibilidades – gênero, classe, etnia, nação, por exemplo – que permitem re-construir nossos entendimentos significando e re-significando os corpos.

Deste modo, questiona-se a visão de corpo como puramente biológico ou cultural, pois o corpo não pode ser reduzido às suas características biológicas, nem às culturais, já que é constituído por ambas. Neste sentido, o entendimento de corpo enquanto um híbrido, ou seja, um corpo interseccionado pela biologia e pela cultura, nos possibilita um outro olhar. Como coloca Santos (1997, p.97)

Que corpo é esse que temos? A resposta a esta pergunta se cruza no caminho do biológico e do cultural; é nessa intersecção, entre aquilo que nos é dado (contingente) como herança biológica e o que nos é dado como herança cultural, que construímos as representações que constituem o acesso aos nossos corpos. Já não é mais Biologia, nem cultura. O corpo que se produz aqui é resultado dessa interação; um corpo singular que não se reproduz (não produz cópias, clones de si) e, como híbrido, precisa sempre dos dois.

O corpo além de ser história ele também faz história, por meio da qual se dão as mudanças culturais e biológicas. Essas mudanças acontecem através de distintas instâncias culturais que falam dos corpos, que dizem, como são e como devem ser. A forma de olhar os corpos e suas transformações implica compreender e perceber as múltiplas representações de saúde, beleza, higiene, entre outras, que estes foram assumindo ao longo do tempo. Assim, são

encontradas em nossos corpos, as mais variadas marcas, desde tatuagens utilizadas por diferentes culturas, as mutações corporais em prol da beleza, saúde, estética, status social, como também, o modo de pertencimento e exclusão em relação ao meio em que vivemos.

Num primeiro olhar, o corpo é o que existe de mais concreto no ser humano, aparentemente conhecido e com certezas provisórias. Mas ao olhar atentamente se percebe que existem muitas coisas a serem reveladas, são vestígios de sensibilidades, registros presentes, mudados com o passar do tempo, interstícios desconhecidos, silenciosos, mutantes de nossa própria identidade. Os corpos construídos, mutáveis, temporários, constituídos através de pedagogias circulantes como revistas, propagandas, filmes, quadros, músicas entre outras. Para GOELLNER:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos...enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que ele se atribui (2003, p. 29).

As representações assumidas pelos corpos, não estão somente centralizadas na cientificidade biológica, mas, também, nas diversas inscrições feitas através da linguagem, nomeando-os, classificando-os, procurando identidades. O corpo é linguagem, seus gestos, suas roupas, posturas, palavras, significados que lhes seja intrínseco.

Então os corpos, são registros culturais, inscritos por meio da linguagem, influenciados pelas pedagogias escolares, ambientais, ou seja, culturais. Os corpos revelados, desvelados, disciplinados, intimidados, rotulados por meio do entendimento de corpo ideal, saudável, belo, buscam uma identidade? Para FRAGA, “o corpo é resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas” (2000, p. 98).

É necessário comentar que, a cada novo tempo estão sendo feitas rupturas, permitindo olhar o entorno e perceber as novas relações e marcas, estabelecendo novos entendimentos e linguagens a serem expressas, fazendo com que novas pedagogias inscrevam suas histórias sobre o corpo. Louro (2000, p. 1), ao destacar a importância da cultura na constituição de marcas nos corpos diz que “...ao longo dos tempos os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados,

ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos, a partir dos padrões e referências das normas, valores e idéias da cultura”.

Estes corpos são um conjunto de representações, rupturas, saberes e descrição de mim, do outro e do ambiente, inseridas no meu eu, influenciadas na e pela cultura? São corpos vivenciando um sistema capitalista de saberes consumistas, baseados na produtividade, rendimento, saúde e vigor.

Faço destas palavras escritas, digitadas, a verbalização do que entendo. Estou lendo, entendendo e quero entender mais sobre o assunto em questão. Para isto, busco olhares, escritos, interlocutores que possam criar cumplicidade comigo e percebo nos textos o que busco, o que outros já disseram, mas a cada novo interlocutor vem dizendo, novamente, reorientando a minha escrita. Nesta construção chamo LARROSA para contribuir na interlocução do que leio e escrevo:

O texto a que os alunos são convocados é um fluxo do que se vem dizendo ou, melhor, “do que, dizendo-se, vem”. Sempre o mesmo, mas sempre cada vez. Por isso, ler é recolher o que se vem dizendo para que se continue dizendo outra vez (que é outra vez a mesma e cada vez outra vez) como sempre se disse e como nunca se disse, numa repetição que é diferença e numa diferença que é repetição (p. 141, 2003).

A intenção ao ler textos e escrever é aprofundar meu próprio entendimento do que pesquiso, imergindo na procura da ruptura do que eu entendia sobre o corpo para o que realmente entendo e o compõe.

Porém, olhar os corpos d@s acadêmic@s é buscar a expressão, o desejo, é deixar ser invadido pelas imagens, ambientes e sentidos da natureza, é permitir-se olhar e ser olhado de dentro para fora e de fora para dentro, enquanto corpos construídos e representados pelos discursos que fazem entender-se através dos olhares que os constituem, chamando a atenção dos futuros profissionais de Educação Física para um trato mais sensível com seu próprio corpo.

4 - PENSANDO A METODOLOGIA

Estou pensando em como dar início a esta etapa de escrita, e acreditando em minhas escolhas políticas e éticas enquanto pesquisadora, dou prosseguimento a partir de Corazza (2002) ao falar da flecha enquanto conhecimento produzido para quem quiser fazer uso, sejam leitores, interlocutores...desejosos de aprender. Sendo assim, tomada por este desejo, pego sua flecha lançada para aproveitar sua idéia, quero aqui esclarecer e referenciar este trabalho utilizando-a também com o propósito de que outros possam servir-se destas idéias colocando-as à disposição.

Permito-me articular estas escritas, com criatividade e imaginação, fazendo desta flecha um pincel na tentativa de dar mais cor a tela aqui apresentada. Neste sentido, busco no meu fazer de pesquisadora as nuances, brilhos, linhas, cores na reordenação do traçado em direção ao que estou construindo e apresentando ao leitor/interlocutor. Situo esta obra/tela nos Estudos Culturais onde encontrei múltiplas possibilidades do fazer metodológico, por não fornecer uma forma pré-estabelecida de como fazer pesquisa.

Bem ao modo como os Estudos Culturais descrevem a(s) metodologia(s) plurais de trabalho com as quais vêm operando, em que não há referência nenhuma a base disciplinar estável, deste que se aproveitam quaisquer campos discursivos que forem necessários para produzir o conhecimento exigido por um projeto particular de investigação (CORAZZA, 2002, p.120).

Em relação às metodologias empregadas nos estudos desse campo não há, como coloca Corazza, uma metodologia específica, ou seja, as nossas escolhas dependem das questões que são feitas e essas dependem de seu contexto específico. Para Nelson et al. (1995, p. 9) a metodologia pode ser entendida “...como uma bricolagem. Isto é, sua escolha da prática é pragmática, estratégica e auto-reflexiva”.

Existe, por um lado, as análises que privilegiam o estudo da cultura como um todo e *in situ* - localizadas em seu contexto material; e, por outro lado, há as análises textuais que enfatizam os mecanismos pelos quais o significado é produzido na linguagem, na narrativa, ou em outros tipos de sistemas de significação (Johnson, 1999). Assim, “a análise textual, a semiótica, a desconstrução, a etnografia, as entrevistas, a análise fonêmica, a psicanálise, a rizomática, a análise de conteúdo, o *survey* - todas podem fornecer importantes *insight* e conhecimentos” (Nelson et al., 1995, p.10).

Embora os procedimentos metodológicos dos Estudos Culturais possam ser caracterizados por uma configuração investigativa ampla, isso não significa que tudo vale. Segundo Bennett não importa que os Estudos Culturais sejam divergentes em vários aspectos, mas eles têm o compromisso de examinar as práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de, relações de poder (1992, apud Nelson et al., 1995, p. 11), produtoras da significação e da identidade social.

Saliento que a “escolha” da investigação narrativa como prática de pesquisa tem a ver com os vários processos – amor, ódio, insegurança, interrogações,... – que fui passando a partir do momento que me aproximei do campo dos Estudos Culturais nas suas versões pós-estruturalistas e como estes foram me subjetivando. Para Corazza:

Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; uma maneira de fazer amigas/os e cultivar inimigas/os; de merecer ter tal vontade de verdade e não outra (s); de nos enfrentar com aqueles procedimentos de saber e com tais mecanismos de poder; de estar inseridas/os em particulares processos de subjetivação e inviduação. Portanto, uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida. A “escolha” de uma prática de pesquisa, dentre outras, diz respeito ao modo como fomos subjetivadas/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder.

Passo agora a cartografar as linhas de trabalho que percorri nesta investigação que busca pensar no corpo como (re) fabricado constantemente nas culturas em que interage.

4.1 - Investigação narrativa

CONNELLY E CLANDININ (1995) situam as narrativas em uma abordagem qualitativa, uma vez que tal investigação está baseada na experiência vivida e na qualidade de vida e de educação dos sujeitos da pesquisa, e destacam que: “a narrativa e a vida vão juntas e, portanto, o atrativo principal da narrativa como método é sua capacidade de reproduzir as experiências da vida, tanto pessoais como sociais, de formas relevantes e cheias de sentido” (id., p.43).

A investigação narrativa tem sido defendida por esses autores (1995), pois abordam idéias teóricas sobre a natureza da vida vivida, podendo ser aplicada à experiência educativa. Os autores, no uso da narrativa na investigação em educação afirmam que os seres humanos

são “organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente vivem vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma como os seres humanos experienciam o mundo (p.11)”.

Sendo assim, estamos lidando com um contexto diferenciado, permitindo que se tenha um outro olhar para a pesquisa, pois quando contamos ou ouvimos alguém contar histórias, recontar histórias de vivências passadas, acabamos ou acaba esse alguém, recontando suas experiências conforme são influenciadas e refletidas pelo presente vivido. Dessa forma nossas histórias estão a todo o momento sendo re-elaboradas, a partir do olhar de como incorporamos o momento e de como está sendo visualizado.

Falar de investigação narrativa é entender que a narrativa é tanto um fenômeno que pode ser investigado quanto um método de investigação, pois, “narrativa é o nome dessa qualidade que estrutura a experiência que vai ser estudada e é também o nome dos padrões de investigação que vão ser utilizados para seu estudo (p.12)”. Na intenção de esclarecer essas distinções, entende-se que “chamar história o relato do fenômeno e narrativa a investigação” (ibidem), deixa esclarecido que os sujeitos vivem vidas relatadas.

Ao optar por este tipo de investigação, as narrativas são construídas e reconstruídas a partir dos textos – da família, da igreja, da escola, da mídia, da medicina, da psicologia, da criança, entre outros –, pois a narrativa da experiência de si é incorporada a partir das vivências e suas relações e “não é algo que se produza em um solilóquio, em um diálogo íntimo do eu consigo mesmo, mas em um diálogo entre narrativas, entre textos” (LARROSA, 1994, p.70). Fica entendido que as relações são influências do ver-se e ouvir-se, pois são mecanismos que transformam e constroem a compreensão que as pessoas tem de si mesmas.

4.2 - Coleta, registro e análise de dados narrativos

As diversas estratégias e contribuições adotadas para a coleta de dados narrativos são valiosas, pois através das histórias escritas, narradas e ouvidas, surge uma rede de enunciados¹³, sobre o eu e as influências do outro sobre esse eu, que será re-historificado pelo seu próprio falar. Segundo CONNELLY E CLANDININ a narrativa está sempre “inacabada”

¹³ O enunciado não é nem uma enunciação, nem uma preposição, nem uma entidade psicológica ou lógica, nem um acontecimento ou uma forma ideal. Os enunciados não são proposições, uma vez que uma mesma oração, com o mesmo sentido, pode representar diferentes enunciados, isto é, apresentar diferentes condições de verdade, dependendo do contexto em que está inserida. (Dreyfus, 1995, p. 50).

(1995, p.40), pois as histórias serão sempre recontadas e a vida revivida de formas novas e diferentes.

Neste estudo, escolhi como estratégia para a coleta dos dados um curso, que foi denominado “Corpo e Ambiente” porque ele me possibilitou não somente realizar a investigação, mas também pela possibilidade de os acadêmicos interrogarem e desestabilizarem as suas compreensões, representações e pedagogias vinculadas aos corpos.

O curso funcionou como um espaço narrativo, em que os acadêmicos participaram de um processo de contar histórias, ouvir histórias, de contrapor algumas histórias a outras a respeito das suas vivências em relação aos seus corpos. Esse é o movimento; constituir-se através do próprio ato de re-elaborar a própria narrativa, com a possibilidade de se conhecer e se identificar na complexidade do entorno e esta possibilidade se deu com o curso e suas discussões. Aqui a investigação acontece dentro de uma relação de atenção mútua entre eu – investigadora e os participantes.

A fim de registrar os dados narrativos para a construção dessa dissertação utilizei como fonte os portfólios reflexivos. O portfólio é um lugar de apontamentos, onde se anota tudo que for referente ao curso, aos acontecimentos deste momento; todas anotações feitas sobre ou que estão ligadas às discussões do curso, sejam estas feitas em pedaços de papéis, guardanapos, independente do ambiente em que os participantes se encontram; deverão ser anexadas ou registradas no portfólio. Neles estão as interlocuções de cada um consigo, com o outro e comigo. Após algumas escritas, o portfólio é trocado com alguém do grupo e esse alguém faz suas escritas em cima do que estava escrito, refletindo sobre o que foi escrito e o que foi escrito sobre seus escritos. Então, tudo o que surgiu fora do curso, antes de vir, referente a este curso foi colocado no portfólio. Sentimentos aflorados, desejos, vontade de não vir..., todas as questões que surgiram de alguma forma ligadas ao curso deveriam ser registradas; pois esses dados registrados são bagagens, para análise de dados narrativos.

Os portfólios reflexivos circularam, iam e vinham na intenção de contribuir na construção de novos discursos através das reflexões escritas, desenhadas, sugeridas por qualquer forma de expressão colocada em suas folhas. A partir de SÁ-CHAVES (2000), fotografias, recortes de jornais/revistas e falas são partes constituintes do corpus de análise.

Para CONNELLY E CLANDININ os diversos métodos de registrar dados são possíveis desde que “o investigador e o praticante trabalhem juntos numa relação de colaboração” (1995, p. 23), assim, durante todo esse processo da coleta de dados narrativos,

falei como investigadora, professora, amiga, mulher, mãe, interlocutora, “participante da investigação, como crítico narrativo ou como construtor de teorias” (ibid., p.41).

Busco nas interlocuções com LARROSA (1994, 1995, 2003) o entendimento da narrativa como uma modalidade discursiva, possibilitando através do falar, a re-construção de si, sobre olhares atentos do seu eu, narrado em um novo tempo, re-significando sua própria história. Nesse sentido, a estratégia de análise consistiu em “olhar” nas narrativas dos/as acadêmicos/as – falas, desenhos, textos, portfólios, fotografias etc. – a rede de enunciados que emergiu, engendrando as representações de corpos.

Assim, a estratégia que venho adotando tenta “olhar” nas narrativas, o enunciado, as “telas” que foram produzidas a partir das possibilidades narrativas criadas para este fim. Estou considerando que os enunciados que emergiram representam os momentos históricos do que esses sujeitos tinham ou têm a dizer ou pensam a respeito dos discursos sobre corpos.

4.3 - Contando sobre o curso

O curso “Corpo e Ambiente” como foi intitulado foi realizado na cidade de Pelotas, na Universidade Federal de Pelotas, com um grupo de sete sujeitos, acadêmicos do sexto semestre da Escola Superior de Educação Física. A seleção para estabelecer esse grupo, teve como critério um convite feito aos alunos que quisessem e tivessem disponibilidade para estar se reunindo todas as quartas-feiras das 12 horas às 13 horas e 30 minutos, nas dependências da instituição. Os que se dispuseram a participar foram dez e no primeiro encontro compareceram sete, permanecendo até o final.

O Curso teve os seguintes objetivos:

- problematizar o corpo, não apenas como um fenômeno biológico, mas sim, produzido através de distintos discursos, práticas sociais, enunciados científicos, dentre outras construções que circula na trama social.
- discutir representações de corpo;
- problematizar pedagogias inscritas nos corpos;

Ao definir o grupo interlocutor foi encaminhada a instituição um pedido de liberação de uma sala¹⁴ e agendado com os sete interessados as datas para dar início ao curso.

¹⁴ Ainda nesta etapa de formação do grupo interlocutor, foi solicitado a ESEF uma sala para viabilização do Curso, na tentativa de manter os participantes no espaço onde diariamente aconteciam suas aulas, visando o

Antes de falar sobre cada eixo temático, como estou definindo os encontros, tentarei caracterizar um pouco o grupo amigo, de ex-alunos do qual me acompanharam em mais esta etapa de interlocuções, conversas, escritas, pensamentos, reflexões, ou seja, narrativas para a construção deste trabalho. Tudo que foi falado durante o curso, não é necessariamente o que os alunos tinham a dizer sobre tal assunto, mas foi o discurso proferido naquele momento, com aquele contexto. Os integrantes e colaboradores do curso construíram narrativas influenciadas pelo entorno e assim construíram e reconstruíram seus discursos.

O grupo ficou definido com sete participantes, sendo duas (2) mulheres e cinco (5) homens, caracterizados da seguinte forma:

- Alex, 21 anos, o único negro do grupo trabalha com treinamento desportivo, em especial com futebol de campo e também com recreação comunitária na periferia da cidade.
- Alessandro, 21 anos, trabalha com recreação em uma Escola Particular de Educação Infantil, participa também de uma das chapas que concorre ao Diretório Acadêmico da Educação Física além de atuar no movimento estudantil.
- Cláudia, 25 anos, trabalha no SESI/RS com recreação e ginástica e cursa o quinto semestre assim como os demais, atua também em escolas como estagiária de Educação Física.
- Cléber, 23 anos, trabalha com musculação em uma academia e também trabalha com preparação física. É mais um integrante do quinto semestre do Curso de Educação Física.
- Gustavo, 19 anos, trabalha com escolinhas de futsal. Foi atleta nessa área participando de campeonatos estaduais. Também é integrante do quinto semestre.
- Rebeca, 22 anos, trabalha em uma academia exclusivamente feminina e é estagiária de Educação Física do SEST-SENAT/RS, cursando o quinto semestre em Educação Física.

mínimo transtorno aos participantes quanto a deslocamentos, pois quem tinha aula até às 12:00 já estaria ali, e quem tinha aula às 14:00 viria um pouco mais sedo. Os encontros aconteceram todas as quartas-feiras, em média com 1 h e 30 min, do dia 06/10/2004 a 08/12/2004 nas dependências da ESEF/UFPel.

- Tomás, 22 anos, é monitor da disciplina de futebol, gosta de trabalhar com teatro e também atua como estagiário de recreação no SESI/RS. Cursa o quinto semestre em Educação Física na Universidade Federal de Pelotas, assim como os demais sujeitos pesquisados.

Pensar outra forma de caracterizá-los seria expor cada sentimento produzido, registrado, representado nos encontros através das interlocuções, no fervor das discussões e reflexões sobre o eu e os outros. Expusemos nossos sentimentos, pensamentos, emoções sem perguntar se os outros estariam a fim de ouvir, pois afinal, se estavam ali é porque queriam compartilhar, ajudar, construir horizontes, outros olhares, entorno dos eixos temáticos sugeridos ao longo do Curso. A intenção foi essa: problematizar, provocar, desacomodar, fazer falar para construir outras possibilidades. Nas suas identidades “mutante” (GOELLNER, 2003, p. 7) o grupo foi os sujeitos da pesquisa numa proposta instigante que teve discursos proferidos e analisadas para poder construir esta escrita.

Todos os encontros do curso foram gravados em fita K7 e transcritos para posterior análise.

4.4 - Trilhando o percurso da investigação

O curso foi montado a partir da necessidade de problematizar as pedagogias e discutir representações de corpos. Sendo assim, foram estabelecidos sete encontros desencadeados a partir do resultado do anterior, ou seja, eles não foram estabelecidos antecipadamente. Ao definir o primeiro encontro, se esperou os resultados para então ser encaminhado o segundo encontro e assim por diante.

4.4.1 - Representações de corpos

O primeiro encontro foi coletivo, em local escolhido, em uma sala de aula da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, por ser de fácil acesso a todos. Esse encontro foi fundamental para expor a proposta de trabalho, organizar algumas idéias sobre a metodologia de estudo e retomar o contato com eles. Inclusive nesse encontro, ficou acordado com o grupo que teríamos outros encontros coletivos para que todos pudessem

expor suas vivências, experiências, narrar suas histórias de vida, ver, ouvir e falar sobre alguma temática proposta.

O grupo teve uma grande aceitação pela investigação a que se propunha o trabalho, sendo receptivos. É claro, que todos já me conheciam, por terem sido meus alunos no período em que fui professora substituta dessa unidade e isso fez com que a receptividade fosse ótima. Esse fato é relevante, pois num estudo desta natureza, é fundamental a confiança estabelecida entre as partes, para o processo da narrativa.

Mesmo percebendo um pouco de constrangimento inicial pelos alunos por estar gravando todo encontro “*é que a gente tá envergonhado por causa do gravador*” Alex¹⁵, em seguida aquele instrumento passou a fazer parte do ambiente, sem olhares preocupados e um fala com ar de deboche “*me sinto encabulado, cheguei a ficar até vermelho*” Cléber.

Ainda neste primeiro encontro, foram apresentados os objetivos da pesquisa, feita a leitura do Termo de consentimento livre e esclarecido¹⁶ para a divulgação e publicação dos discursos proferidos, construídos e re-construídos no curso e a partir dele, dada explicação sobre a utilização do portfólio reflexivo, feita a sua distribuição.

O objetivo deste encontro foi discutir representações de corpos que circulam nas diferentes instâncias sociais, e que atuam na constituição dos significados que atribuímos ao nosso corpo e à nossa vida. Para tanto, foi solicitado que os acadêmicos/as escolhessem figuras de corpos em várias fontes, como nas revistas: Veja, Isto É, Capricho, Manequim, Exame, Boa Forma e nos jornais ZH e Diário Popular. Foi utilizado esse material para o desenvolvimento dessa atividade devido à penetração da mídia no cotidiano da vida das pessoas. Após as escolhas das figuras, cada um colou as suas em um papel pardo e a posteriori, trazido à reflexão e problematização.

4.4.2 - Entendimentos de corpos

Neste segundo encontro estava ansiosa, pois não tinha ligado para os participantes do Curso. Já que os mesmos tinham assumido o compromisso de estar presente, e isso me deixou um pouco temerosa de que não aparecessem, porém tranquilizei-me. Aos poucos foram chegando, faltando apenas um nesse dia.

¹⁵ Estou utilizando nomes próprios para identificar o gênero de quem fala.

¹⁶ Anexo I.

Nesta fala do Tomás está colocado o corpo como forma de expressão, ao mesmo tempo este corpo é construído pela linguagem. As representações não são fixas, pois “variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido” (GOELLNER, 2003, p. 29).

A linguagem tem o poder de classificá-lo e a partir de distintos processos pedagógicos são marcados, nomeados e capturados, mesmo as vezes sem perceber.

Nesta captura mergulho também nas falas do Gustavo, Cléber e Claudia:

Gustavo – “Meu corpo é basicamente dividido em instrumentos de trabalho, lazer, ou qualquer outra coisa, porém ele não é dividido, é o mesmo corpo matéria que vai vivenciar todos espaços sociais. Ele é um corpo que me satisfaz para algumas coisas que não me satisfaz para outras. Tenho um corpo que pensa rápido, organiza as idéias, por isso mais intelectual, porém gostaria de ter um corpo mais atlético para conseguir desenvolver melhores meus momentos de lazer no esporte. Outra concepção de corpo é feita dentro de uma auto-imagem, nessa situação acredito gostar em parte do jeito de me vestir, falar, andar e tudo mais que envolve uma imagem “construída” por mim e “escolhida” por mim, mas meu corpo como estética não me agrada, mas isso não importa muito porque ninguém ou quase ninguém gosta do seu mesmo. Só que a estética por mais que algumas pessoas relutem com isso faz parte do bem estar de cada pessoa”.

Claudia – “Diante de uma construção genética onde há uma função de características das mais variadas, temos um corpo que adaptando-se ao meio seja por necessidade ou por simplesmente “leis” impostas pela sociedade, também logo após seu nascimento adquire modos / formas diferentes. Nem sempre se tem à consciência da forma do corpo que se possui, as exigências diárias por muitas vezes não são compatíveis com aquela constituído que é geneticamente instalada. Pode ocorrer nesse momento a influência do meio “formando”, “modelando” esses corpos de forma a atender essas necessidades. Quando se fala da influência das “leis” da sociedade ou grupo de pessoas que influenciam na formação desse corpo, se fala da importância que dado grupo dá para a opinião, transformando fisicamente esse corpo a qualquer custo para que esse se adapte ao estilo do grupo. Se compararmos um corpo de bebê com a evolução desse, vemos que a importância para o aspecto físico não é determinante na vida desse ser, somente com o crescimento em determinada idade é que a influência do meio vai existir. Acredita-se que o corpo seja o cartão de visitas do ser humano, pois nele se representa o estilo de vida sobre o aspecto físico, psicológico e social deste indivíduo”.

Cléber – “No meu ponto de vista, analisamos sempre pela impressão que o corpo nos passa, ou seja, pela visualização que temos daquele corpo, seja por um instante que nos daria certa impressão ou por um longo período o que acarretaria um outro julgamento”.

Nestas falas analiso, em seus entendimentos a classificação estética que os mesmos estabelecem aos corpos. Estas representações são atribuídas pelos discursos midiáticos,

utilizados pelos “filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exibem ou pelo que ocultam” (GOELLNER, 2003, p.29).

Desta forma neste segundo encontro, cada um através da linguagem escrita, deu seu significado ao entendimento de corpos, observando assim, que suas representações significaram corpos midiáticos, corpos históricos, corpos segmentados, corpos poder entre outras representações.

Ao trazer mais uma fala para análise, chamo o Alex que diz:

Alex – “Falando sobre meu corpo, eu tenho o meu corpo como funcional. O que é isso? Meu corpo funcional é o que serve para as atividades que proponho a ele . Meu corpo me conduz e pratica as atividades do meu dia, onde eu trabalho, estudo, sou pai, e sou o Vermelho. Como assim? No meu trabalho, onde dou aula de futebol, o meu corpo executa e demonstra as atividades por mim selecionadas. Na faculdade meu corpo toma o papel de aluno, onde eu recebo “teorias” para a minha prática. Quando pai, meu corpo passa para o papel de homem carinhoso, seguro. E o Alex, quando realmente sou eu, é o corpo e mente juntos; é quando o “meu corpo” tem lazer, descanso. Não que nas outras formas não tenha lazer e prazer, mas não é totalmente o “Rubão”¹⁷. Meu corpo é um corpo que é tido pela sociedade como esbelto. E isso está certo? Talvez! Mas, pra mim o meu corpo é corpo. Quando imagem que demonstra o meu jeito é caráter, e quando função que me satisfaz para as necessidades hoje”.

Na fala deste sujeito, existe uma segmentação quanto a funcionalidade do corpo, ou seja, dependendo da necessidade do momento ele assume tal postura. Percebe-se que para cada ação existe uma postura corporal, significativa, porém dissociadas das identidades mutantes que o constituem, assim como na fala a seguir.

Rebeca – Eu percebo este corpo de uma maneira não só física, mas principalmente “intelectual” a parte interior onde guardamos sentimentos, experiências, as quais fazem eu ser como sou, apesar de fazer Educação Física e trabalhar em uma academia não vejo este corpo só como “instrumento” de trabalho, trago para este corpo todas as vivências e experiências do dia a dia para formar a minha “personalidade”, para auxiliar na minha pessoa. Concordo que o corpo está servindo pra mim, para o que eu estou fazendo no momento e de acordo com o ambiente é necessário adquirir certo “comportamento” mas não quer dizer que separo ou mudo a maneira de pensar sobre o meu corpo.

“Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (LOURO, 2000, p. 114). Baseada nesta citação é que justifico a construção histórica

¹⁷ Apelido de como é conhecido na ESEF.

estabelecida na fala do Alessandro, pois ele expressa que é construído de várias identidades, atravessado pelas questões históricas e culturais.

Alessandro – “Sendo objetivo e subjetivo me percebo como um corpo histórico construído de várias maneiras e com várias implicações, fica claro ou turvo que o corpo pode ser visto ou entendido de várias formas. O meu vejo como algo que luta contra o que é e o que quer ser ou então se confunde entre os dois. É um corpo dotado de imagens e significados. Ele é político, social, intelectual, físico, mas como ver essas sessões todas juntas, para mim é um processo e uma constituição de tudo o que vivo, portanto, afetivo, amigo, chato, implicante, bonito, feio, esculachado, elegante. Ele acaba sendo uma forma de expressão muito forte como dizia o Azul no início do encontro, mas acima de tudo um estado de espírito, fisicamente representado. Tenho este corpo porque há lógicas corporais biológicas, sociais, políticas, intelectuais atuando nele, diretamente e diariamente. É complicado falar de corpo”.

4.4.3 - Buscando interlocutores

Percebendo a necessidade de trabalhar com um referencial teórico que desse suporte às temáticas que foram emergindo nos encontros anteriores foi proposto à discussão de fragmentos de textos de alguns autores que pesquisam na perspectiva dos Estudos Culturais. Foi solicitado aos acadêmic@s que em duplas e trio discutissem sobre os trechos retirados de alguns livros, num segundo momento foi solicitado o registro escrito das discussões realizadas pelos grupos e por fim a exposição oral dos registros escritos, seguidos das intervenções. Os trechos utilizados nos encontros encontram-se em anexo.

Este foi um dos encontros que teve continuidade, dando prosseguimento a exposição dos textos pelos grupos e abertura para questionamentos, em seguida se encaminhou à leitura do texto¹⁸ para esclarecimentos, problematizações, construção e re-construção de discursos.

Neste encontro usamos a estratégia de cada um ler um pedaço do texto e ir fazendo comentários quando achasse necessário. Os integrantes do Curso foram mais ouvintes do que oradores neste encontro. Fora algumas intervenções, o silêncio foi quase um discurso hegemônico.

¹⁸ LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

4.4.4 - Corpos e identidades

Neste encontro, mudamos de ambiente e antes da efetivação do local, foi feito um contato telefônico para cada participante e avisado que o encontro seria na minha residência. Fiquei preocupada, já que a intenção era fazer os encontros na Escola Superior de Educação Física minimizando os transtornos, mas como na unidade referida não tínhamos acesso ao “data shows” foram ver o “clip¹⁹” num outro local.

O objetivo deste encontro foi discutir a multiplicidade de significados atribuídos aos corpos; problematizar a idéia que o corpo define uma identidade; debater que os corpos são significados na e pela cultura, (re) pensar as construções de corpos a partir de critérios estéticos, morais, religiosos, higiênicos, entre outros e discutir sobre as identidades de gênero e sexuais.

Para tanto, utilizamos como estratégia um vídeo clip da banda irlandesa “Sigur Ros”. O clip inicia mostrando um menino brincando na beira do cais com um carrinho de bebês com um casal de bonecos sem a parte superior da cabeça e com os olhos vazados. Próximo a este menino há outro pescando. Um homem que observa a cena, corre ao encontro do menino e retira os bonecos dele jogando-os na água. Após, aparece este homem levando o menino a escola para um jogo de futebol. Na escola o menino que estava observando a cena anterior entrega para o outro as bonecas enroladas em um pano. O jogo começa com a bênção de um padre. Os dois meninos estão no mesmo time, o menino que brincava com os bonecos faz um gol, o pai e o público vibram muito, o menino ao comemorar o gol se abraça e beija na boca o outro menino. Várias recordações desses dois meninos surgem como os dois se abraçando, beijando, brincando. A bíblia cai no chão, o público se espanta, o homem arrasta o menino. O outro menino é abraçado por uma mulher com uma criança nos braços e pelo padre.

Este vídeo foi escolhido por sua singularidade, tendo em vista as representações corporais significativas para a problematização entorno dos entendimentos de corpos e suas pedagogias.

¹⁹ O “clip” pode ser acessado no site: www.sigur-ros.co.uk/media/dedvideo.html.





FIGURA 3

4.4.5 - Ambientes e seus corpos

A intenção deste encontro era problematizar, observar e refletir sobre os corpos em diferentes ambientes²⁰. Por que esses corpos e não outros aparecem em determinados ambientes? Há a possibilidade de mudarmos? Quem estabelece que os corpos sejam moldados para cada ambiente?

Os ambientes sugeridos foram: praia, escola, festa, igreja, praça, hospital, prisão e academia e a estratégia utilizada foi montar um painel colocando corpos selecionados, escolhidos para os ambientes sugeridos, através de recortes de figuras retiradas de revistas variadas. A criação de novos ambientes era permitida e ficou a critério de cada participante o fazer ou não. Partindo dos espaços sugeridos chegamos à reflexão do ambiente corpo carregado de significados, assim como, nos demais ambientes estavam também carregados de identidades culturais e sociais.

²⁰ Entendo ambiente como um espaço significativo, vivenciado, carregado de sentidos, na qual é atravessado por mim e pelo outro na busca de significação.



FIGURA 4

4.4.6 - Narrando os corpos a partir das histórias de vida

Este encontro teve como propósito discutir os significados culturais e sociais atribuídos aos corpos a partir de suas histórias. Como estratégia, solicitei que @s acadêmic@s trouxessem fotografias significativas sobre suas vidas.

Cada participante trouxe fotos que contassem suas histórias e narraram suas vidas. Ocupamos dois encontros com esta atividade. Antes mesmo de dar início ao encontro às fotos já eram motivos de conversas. Entre rumores, risadas e deboches foi organizado o encaminhamento da atividade e um de cada vez fez a sua narrativa sobre sua história de vida por intermédio das fotos.

Continuamos no próximo encontro, pois o tempo foi um “inimigo” neste dia ficando três do grupo para apresentarem suas fotos na próxima semana, mantendo a linha de apresentação assumida no encontro anterior. Trouxeram fotos das mães grávidas, fotos da época escolar, fotos com toda família reunida entre outras de acontecimentos marcantes. Lembranças re-historificadas nas narrativas e re-construídas a partir dos ambientes que os inscrevem.



FIGURA 5

4.4.7 - Refletindo sobre o curso

Nono e último encontro. Percebemos que as nossas reuniões tinham acabado e neste dia cada interlocutor registrou na folha distribuída para o fechamento do curso sua avaliação²¹.

A avaliação foi proposta partindo de cinco questionamentos respondidos pelos acadêmic@s, participantes desta coleta de dados narrativos.

Nesses registros constam detalhes importantes sobre a avaliação e como esta está no anexo, selecionamos uma questão de cada participante, a fim de justificar os detalhes citados anteriormente.

1 - Que compreensões sobre corpo e ambiente o curso te possibilitou?

Cléber - "As compreensões que tive são que corpo e ambiente são um só, ou seja, um depende do outro e reflete sobre o mesmo".

Alessandro - "Várias e nenhuma, pois este curso serviu para que víssemos várias visões sobre corpos e ambientes, as quais me mostraram outras possibilidades cujo as quais

²¹ Anexo II

abriram o meu horizonte, desconstruindo o que estava construído. Agora naturalmente terei de construir”.

- 2 - Foi possível repensar a tua construção acerca das questões de ambientes e corpos durante o curso? Justifique?

Tomás - “Repensar sim, mudar todas elas não. Refleti bastante sobre meu jeito “machista” de ser (isso não quer dizer que eu deixei de ser) e acredito que tenha modificado algumas formas de pensar; acredito que tenha ficado menos radical. Mas continuo pensando que o ambiente influencia, e muito, no corpo do indivíduo, já que um menino que for criado e educado em um ambiente que só tem mulheres ele terá, provavelmente, os jeitos e gostos de mulheres”.

Gustavo - “Foi possível enxergar as diversas maneiras que me construí e que sigo me construindo por ver o corpo como uma estrutura completa”.

- 3 - Quais as tuas compreensões, acerca das pedagogias inscritas pelo Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFPel, a partir do que o curso te proporcionou?

Cláudia - “O Curso de L. Plena em Educação Física traz algumas lições sobre isto, mas em poucas disciplinas o que é “mau” visto pelos próprios alunos, acredito que eles estejam mergulhados em questões que separam muito isto ou até mesmo tratem o corpo como “instrumento” que seria alavanca para as tarefas cotidianas”.

- 4 - Que necessidade (s) tu percebes para abordar as temáticas de corpo e ambiente na sala de aula?

Rebeca - “Vejo a necessidade de abordar questões sobre corpo e ambiente pelo fato de que o “corpo” é influenciado diretamente pelo ambiente, por isso deveríamos trabalhar mais sobre essas influências e transformações que sofremos, para que pudéssemos ter um maior conhecimento e uma visão maior sobre quais influência, podem ser benéficas e até a onde elas podem chegar”.

5 - Qual (is) tua (s) perspectiva (s) para a continuidade do curso no próximo ano? Quais os temas que gostarias de desenvolver?

Alex - “As minhas expectativas são muito grandes e boas para o próximo curso, o deste ano foi um curso muito bom...obrigado pelas idéias, foi ótimo fazer parte deste corpo descursando, muito obrigado por ter me escolhido. Um tema bom para o próximo ano, ainda falando sobre corpo, é a relação deste com o doping, mas não só o doping esportivo, mas todo o tipo de doping; ou corpo e droga”.

4.5 - Comentando brevemente sobre os procedimentos das gravações

No primeiro encontro do curso: Corpo e Ambiente, senti o grupo pouco à vontade com o gravador. Eles manifestaram que estariam um pouco constrangidos e que o gravador os inibia. Expliquei e conversei sobre a necessidade de gravar as narrativas, já que seriam suas falas, o meu material de pesquisa. Retomei também o Termo de Consentimento por eles assinado neste encontro, quanto ao uso exclusivo das fitas para transcrições e posterior análise das narrativas para este trabalho. Conversar sobre a necessidade do gravador foi interessante à medida que nele estavam nossas conversas, piadas, risadas...narrativas do que o encontro tinha produzido e houve tanto quem diante desta circunstância falasse menos e mais inicialmente e conseqüentemente o ignora-se no decorrer dos encontros. Em nenhum momento o curso ficou prejudicado pelo constrangimento inicial, superado já no final do primeiro encontro.

4.6 - Esclarecendo quanto ao sigilo dos nomes d@s alun@s

Preocupada em manter o sigilo dos nomes das pessoas envolvidas no Curso, cinco guris e duas gurias, listei seus nomes como sendo instrumentos necessários para a construção desta escrita – tela, muitas vezes assim por mim definida. Essa atribuição de nomes próprios fictícios²² os representa no curso, seguido da sigla de seus nomes com a complementação do gênero masculino e feminino, definido pela inicial de cada palavra. Sendo assim, apresento a

²² Utilizei esta estratégia para não deixar apenas às siglas dos nomes dos meus interlocutores – grupo participante da coleta dos dados narrativos – e como eticamente firmei o compromisso de não citar seus nomes, conforme o Termo de Consentimento - resolvi nesta tela designá-los com outros nomes, o de instrumentos necessários e indispensáveis nesta escrita, mantendo o sigilo e o respeito do compromisso firmado.

seguir as cores da minha aquarela, dos sete integrantes do curso, com suas siglas para o entendimento das narrativas que fazem com que esta pesquisa seja costurada.

NOME	SIGLA
ALEX	ARFJM
ALESSANDRO	ABXM
CLAUDIA	CASSF
CLÉBER	CBSM
GUSTAVO	GJM
REBECA	QDRF
TOMÁS	TPTM

5 - ANALISANDO AS REPRESENTAÇÕES DE CORPOS D@S ACADÊMIC@S DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Percebo que no grupo interlocutor, de sujeitos da pesquisa ao usar, compartilhar falas, histórias, contos, fotos, linguagens, se observaram os valores e significados culturais.

É difícil expressar a forma como isto foi acontecendo, mas vou tentar compartilhar destes momentos. Durante os encontros, foram estabelecidas estratégias de contar histórias, conversar, criar maneiras de falar sobre corpos e assim todos participantes expuseram seus entendimentos, sentimentos, idéias, conceitos a respeito do assunto proposto e a partir daquele ambiente coletivo, tendo sempre presente nas falas o ambiente de origem; dando importância ao que se objetivam aquelas dinâmicas.

Na expectativa de constituir uma possibilidade de análise cultural dos acontecimentos em meu processo de pesquisa, penso em trazer algumas questões com as quais me deparei no transcorrer desta tela. Nas narrativas, está presente a história que constituiu cada participante, assim como, a de nossa atualidade. As desestabilizações, individualismos e diferenças provocadas com o curso, têm sido, hóspedes em meu cotidiano, marcando, contrariando a lógica, provocando em meus dias, nada lineares ou tranquilos, a emergência e inspiração para articular o pensar e o escrever nesta tela dissertativa.

Durante a realização do curso, algo me incomodava, pois parecíamos um grupo a parte, uma tela jogada no canto, fora de tom, uma sobra. Porém, nossos encontros e narrativas, num primeiro momento pareciam não fazer conexão com as demais pinturas daquele ambiente de corpos que viviam em outros momentos - fora do curso, dos discursos da Educação Física. Por alguns momentos cheguei a pensar se o que estava fazendo era válido e significativo, até que as reflexões e problematizações surgidas no Curso “Corpo e Ambiente”, tomaram força marcadas nos corpos participantes, fazendo com que invadissem outros espaços frequentados pelos acadêmic@s. Intervenções feitas por eles em disciplinas, sobre os discursos assumidos e reproduzidas na academia, fizeram desta dissertação uma satisfação pessoal e coletiva possibilitando re-pensar os corpos, suas representações e os discursos neles produzidos pela e na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

Dando continuidade a estas narrativas, passo a trazer ao texto, algumas questões sobre a temática da pesquisa, relacionando corpo, ambiente e representação. Nos encontros, as conversas foram surgindo, sendo um pouco tímida no início do primeiro encontro, mas a

produção de *insights* me possibilitou pensar algumas questões em torno do que eu ainda não tinha percebido.

Neste clima de pensar e criar a tela, me incluo, enquanto participante e autora desta história juntamente com os sujeitos pesquisados, no desejo de ver esta tela concluída, fazendo com que se corra contra o tempo e retomando algumas estratégias utilizadas para efetivação desta etapa.

Para subsidiar este trabalho, quanto à possibilidade e utilização do *Curso Narrativo*, para auxílio na categorização das informações obtidas no decorrer dos encontros e informar este dispositivo aos amig@s, interlocutor@s, leitor@s desta pesquisa, trago FOUCAULT (1979, 1987, 1995), LARROSA (1994,1995, 2003), LOURO (1997, 1999, 2000, 2003, 2004), SANT' ANNA (1995, 2000, 2001), GOELLNER (2000, 2003) SOUZA (2001), RIBEIRO (2002) entre outr@s para fazerem uso desta aquarela, possibilitando o emergir destas informações.

5.1 Pintando a tela a partir das contribuições narrativas

Nos registros narrativos d@s acadêmic@s, com quem trabalhei na construção deste processo investigativo, trago a tona algumas representações, não dando conta da totalidade nesta dissertação, visto que, à abordagem teórica na qual estou inserida não se propõe a isto.

Nesta etapa, para ser honesta observo que muitos aspectos poderiam ter sido abordados, mas percebi isto depois de seus acontecimentos e noto que é assim mesmo, aprendemos com o ambiente vivenciado e ou experienciado. Nesta tela busquei investigar alguns encontros que ocorreram com @s acadêmic@s, para tanto, analisei alguns registros narrativos – falas, textos e figuras – de onde emergiram as seguintes representações que serão pintadas na combinação das cores a partir de agora.

5.1.1- Corpos enquanto fases da vida

Nas representações de corpos apresentadas, os “corpos enquanto fases da vida” foram um destes registros e sendo assim, daremos continuidade analisando e observando algumas narrativas.



FIGURA 6

As representações dos corpos, enquanto fases da vida, trazidas à reflexão, retoma a discussão sobre as práticas, especificamente, dos saberes científicos sobre o desenvolvimento humano. Podemos perceber que o discurso da materialidade biológica foi ordenado em fases, cuja organização busca mostrar as etapas da vida de uma mulher – “Rebeca- criança (*menina loira de fita rosa*), a moça ali uma mulher mais jovem, e outra lá, que ta em cima da balança que ta grávida, ali embaixo onde tem a senhoras”. Estas falas nos mostram a normalização e a naturalização de discursos – da biologia, medicina, psicologia – sobre as mulheres, ou seja, sua identidade de mulher-mãe. Para Souza (2001, p.136).

Ao esquadrihar, descrever, categorizar e ordenar os múltiplos processos orgânicos ou “naturais” que ocorrem no(s) corpo(s), definindo as características e os atributos específicos de cada fase do desenvolvimento humano em que a pessoa é enquadrada e se enquadra, essa técnica de poder/saber cria simultaneamente um entendimento acerca do próprio corpo e um posicionamento da pessoa em relação a si e aos e às demais pessoas.

Ao estabelecer as transformações biológicas do corpo, definem e criam as suas necessidades, valorizando o corpo feminino, mãe, mulher – enquanto espaço reservado e íntimo. Conforme a fala da “Rebeca - ...nessa idade da mulher ela se preocupa com a roupa, com a estética...”. Para SANT’ ANNA, quando escreve sobre regras de elegância e de higiene, diz que: “...é na repetição insistente das regras de elegância e higiene, é na minúcia enfadonha dos cuidados que visam as unhas, a pele, os olhos e os cabelos, que percebemos como se fortalece a cultura do espaço íntimo, na qual, o corpo feminino merece um lugar de destaque” (1995, p. 122).

As imagens são criadas e recriadas a partir das representações que nos atravessam em relação aos corpos que assumimos e, sendo assim, GOELLNER fala das imagens:

...descritas em palavras, imagens desenhadas e fotografadas que representam corpos reais e idealizados e que são assumidos ou não pelas leitoras: imagens que registram corpos estáticos ou em movimento, sobre os quais circulam diferentes tenções – curiosidade e desconsideração, liberdade e vigilância, transgressão e adequação, exibição e ocultamento, sensualidade e acetismo (2000, p. 81).

As imagens corporais, caracterizadas a partir das figuras em diferentes fases da vida, são de corpos femininos, saudáveis, brancos, heterossexuais, representando o embelezamento e a saúde enquanto discursos instituídos. Permanece o olhar sobre o embelezamento feminino conforme SANT'ANNA (1995) e as imagens descritas pelas cores provocam o estranhamento de si em relação aos outros do grupo, na medida que reforçam o discurso vigente do corpo europeu (branco, loiro), mesmo quando, no grupo de interlocutor@s se faz presente outras etnias, as quais não são identificadas como outras possibilidades de representação corporal.

Pode-se perceber que nas narrativas para a montagem do painel os acadêmic@s trazem apenas dois corpos negros, um estilizado e o outro sendo queimado, argumentado que não é fácil achar na revista tais representações, mas mesmo assim, os discursos dos corpos no painel, representam e caracterizam mudanças femininas, enquanto etapas de vida.

Ao falarmos das fases da vida narradas, buscamos compreender as conseqüências das práticas discursivas²³ na constituição dos corpos e ao transitar por práticas vividas das histórias d@s acadêmic@s, “compreender como alguns elementos produzem efeitos materiais nos corpos das pessoas” (SOUZA, 2001, p. 120).

Cléber- *...coloquei a foto de uma criança que eu acho que representa o início da formação do corpo...*

²³ Segundo Foucault, como prática discursiva pode-se entender “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram numa dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”(1995, p. 136).



FIGURA 7

Ao emergir, estes discursos sobre as fases da vida, não se objetivou narrar à história cronológica, nem buscar a origem a partir do corpo “essência(s) – biológica, histórica e/ou transcendental – e de verdades primeiras” (ibid., p.121), mas ao contrário, estou pensando em corpos marcados pelas práticas sociais e culturais e constituídos por seus efeitos, já que conforme FOUCAULT “...o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas” (2002, p. 18).

Essa história, na qual o autor nos conta; deve ser interrogada para que suas verdades sejam questionadas e possam ser entendidos os sentidos da construção social, que produzem os corpos.

Ao olhar as narrativas, tento compreender como elas se constroem a partir da história e como algumas ainda se encontram entrelaçadas no presente. Retomando a imagem da criança a escolha da menina reforça, divulga e identifica a imagem da mulher, mãe “como uma função social a maternidade , é, simultaneamente, um destino” (GOLLNER, 2000, p. 85). Esta colocação refere-se ao artigo publicado sobre imagens femininas na Revista Educação Physica publicada entre 1932 e 1945, e ainda hoje, nos deparamos com o discurso do corpo feminino ligado às práticas higienista e representado a partir da beleza e saúde. Características que salientam a moral burguesa estabelecendo regras de comportamento necessárias para a mulher, mãe “moldado pela valorização de qualidades como a benevolência, a generosidade, o recato e a abnegação” (ibid. 85), ressignificados a partir dos discursos assumidos pelos sujeitos da pesquisa.

5.1.2 - Corpos – poder, força

Ao deixar a pintura seguir seus traços, trago outra representação, surgida entre traços e rabiscos a partir das narrativas do primeiro e segundo encontro. O emergir das representações “corpos – poder, força”, é um dos discursos que ficaram em alto relevo na pintura desta tela, conforme as narrativas.

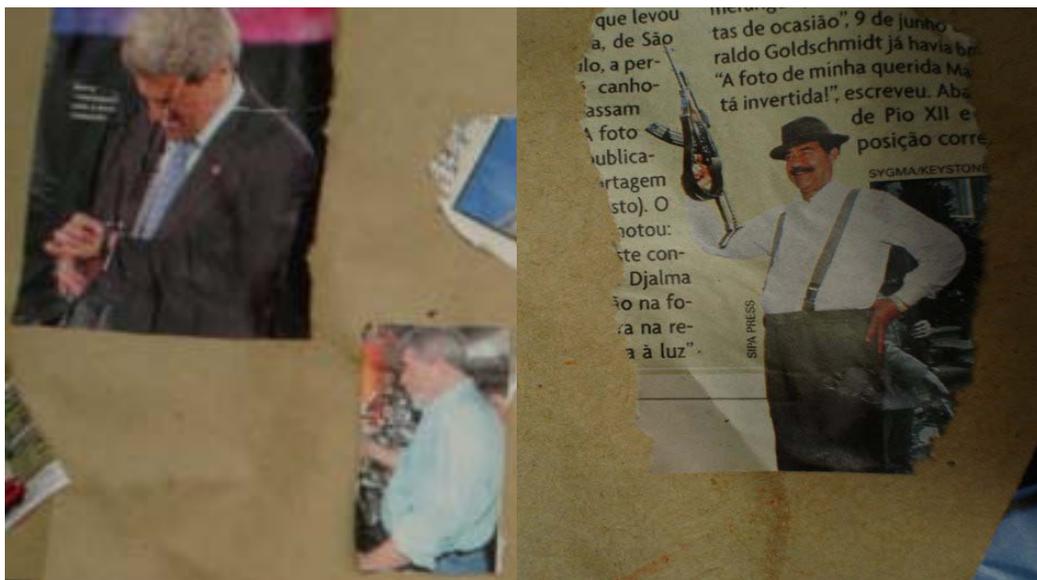


FIGURA 8

A relação trazida sobre os corpos e a política é uma relação de poder, “*Alex – Bom! Eu botei um candidato a presidente e o outro presidente do Brasil, só para mostrar mais ou menos, a diferença entre os dois corpos, que, mais ou menos como eles pensam corpo né, não totalmente só corpo, o Brasil um todo e os Estados Unidos em tudo, mas só pra diferenciar...como... é a diferença entre os dois...*”, já que os corpos selecionados foram do “kerry” candidato a Presidente dos Estados Unidos colocado acima e do “Lula” atual presidente do Brasil colocado abaixo, reforçando a importância social e cultural dada a cada político.

O discurso apontado pelo Alex é o da diferença, mas uma diferença pautada na questão de poder – economia. Fica registrado na montagem do painel, ao colocar o candidato dos Estados Unidos acima e o atual presidente do Brasil abaixo – o discurso das posições assumidas no mercado internacional.

Hoje não existe uma única forma de ver os corpos, pois o mercado abarca múltiplas idéias de corpos para manter o poder econômico e, sendo assim, “as alterações que a economia desencadeia se encontram fora das instituições sociais que poderiam preservar interesses outros que não os do próprio mercado” (SILVA, 2001, p. 59). As representações registram inscrições assumidas pelos corpos que podem a todo o momento ser problematizada para serem re-construídas, pois através das imagens midiáticas, existem discursos subliminares, entorno das imagens do “LULA” - “KERRY” – “SADDAM”, que enfatizam os discursos masculinos, de poder, supremacia, violência, vida e morte a partir dos corpos.



FIGURA 9

Na seqüência, o **Gustavo**, deixa explícito “...aquilo ali me chamou muita atenção, aquela figura com dois militares assando praticamente um prisioneiro, então, sem a mínima consideração com o corpo..” ao escolher a figura dos militares assando um prisioneiro – o “direito de morte e o poder sobre a vida” (FOUCAULT, 1988, p.127) o poder estabelece ao nível da vida, das raças a luta pela vida que a todo tempo produz a morte, em função do poder exercido através das hegemonias de algumas nações, de querer controlar e produzir em massa os discursos de manutenção do poder.

O poder também está posto nestas narrativas, através do índio na fala do **Alessandro** “...lá a figura de alguém no canto, isolado, a figura de alguém que está à parte da sociedade, uma parcela da sociedade, ainda carregado de significados e figurações através dos seus costumes, que é um índio; num habitat mais natural. Tu vê que os outros estão todos meios poluídos e ele não, ele continua lá... no lugar dele, na região dele, tendo um contato com a

natureza e tentando preservar isso..” no momento em que são trazidos à reflexão os ideais perdidos, a desvalorização da vida e numa representação da figura ao contrário de como é percebido socialmente, o índio, está na contramão da política de mercado, tentando manter bravamente, enquanto guerreiro, seus valores, ideais, cultura invadida e indiscriminadamente atropelada pela cultura branca, européia do século XIX que ainda hoje se faz presente e dominante.



FIGURA 10

***Gustavo** - Eu comecei pelo ...militar por achar que oh..., que o exército exige bastante de corpo, exige bastante também de mente, assim, e dá uma boa comparação, éh... para tu poder atuar no exército então eu acho que ele preconiza bastante o corpo, de todos os militares... Depois eu passei para um animal para tentar fugir um pouquinho do ser humano; o animal é um corpo, também tem seu corpo, também tem sua história...*

Este sujeito traz entre outras narrativas a representação de um militar para caracterizar aquilo que vou chamar de corpo relicário, ou seja, o corpo diferenciado, raro, sagrado, delineado e que traz em si as inscrições da atenção, força e agilidade.

Para referenciar este corpo chamo FOUCAULT que encontra no século XVIII uma inscrição ideal do soldado e escreve: “o soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem... seu corpo é o brasão de sua força e valentia” (1987, p. 117). Porém, mesmo marcado pela farda, são outros soldados, ressignificados, devido ao salto histórico e todas as inscrições que sofreram.

É interessante ressaltar que, os sujeitos desta aquarela acabam por reproduzir os discursos - dos corpos disciplinados dos soldados, com um enfoque no corpo bélico, o qual sobrevive do estado de alerta e destreza. “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (ibid. 2004, p.26), a partir da problemática apresentada neste momento, percebe-se que o discurso ao qual o presente nos remete, retorna como nos aponta Foucault, não através do uso de uma nova interpretação, mas sim como um discurso ressignificado.

O animal apresentado é um leão – “o rei das selvas”, demonstrando que a força está para o masculino conforme SANT’ANNA (1995), relacionando homem/animal expressando o pensamento dentro de uma sociedade patriarcal.

Ao trazer a imagem do leão, estão representados os discursos de força e beleza, tão desejados, de força e agilidade antes representados nos corpos militares, que por sua vez incorporam, também a beleza, dando a possibilidade de poder e controle.

5.1.3 - Corpos – desejo, consumo

Nesta pintura, atravessada pela aquarela selecionada, surgiram várias representações, entre elas a de “corpos – desejo, consumo”.



FIGURA 11

“Cléber- eu botei tanto uma mulher boa, vamos dizer assim, gostosa no sentido da palavra né”.



FIGURA 12

“Alessandro - Logo abaixo dele (do homem), coloquei uma mulher, justamente para fazer essa relação homem – mulher - próximos, né,...ele feliz, ela deslumbrante e uma coisa meio em consonância...”

Levando em consideração a argumentação trazida por estes sujeitos, as representações de sexualidade estão presentes, assim como, seus entendimentos de corpos são expressos por várias figuras femininas, em sua maioria sedutoras. Esse corpo sexual é construído, de alguma forma pelos discursos que procuram mostrar as mulheres como objetos de prazer e desejo dos homens.

É interessante agregar a este texto a argumentação de que “as formas de intervir nos corpos – ou de reconhecer a intervenção – irão variar conforme a perspectiva assumida” (LOURO, 2000, p. 61). Sendo assim, o discurso assumido pelo Cléber e pelos demais, reforça o apropriado ou esperado pelas convenções sociais de beleza, desejo e saúde, até porque, se fala do lugar de um acadêmico de Educação Física que está comprometido e envolvido com os discursos de beleza e consumo.

As representações do feminino reforçam a cultura do espaço íntimo conforme SANT’ ANNA (1995, p. 122), a mulher que detalhadamente pensa, seu embelezamento no não visto por todos, nos detalhes, é representada pela mulher para a vida íntima.

Estas narrativas trazem corpos, enquanto desejo sexual, abordado por LUPTON (2000, p.21) “o corpo sexual é construído, de certa forma, pelos discursos dominantes que procuram limitar algumas formas de expressão erótica consideradas ‘perversas’ e promover e legitimar outras como ‘normais’”.

Permanece caracterizado o embelezamento e desejo feminino conforme SANT'ANNA (1995) e as imagens descritas pelos sujeitos provocam o estranhamento de si em relação aos outros do grupo, na medida que reforçam o discurso vigente do corpo europeu, mesmo quando no grupo de interlocutores se faz presente outras etnias, das quais os sujeitos da pesquisa, não as identificam como outras possibilidades de representação corporal.

5.1.4 - Corpos - instrumento de trabalho, segmentado, saúde

Nestas narrativas, encontramos as representações de “corpos - instrumentos de trabalho, segmentados, saúde”, e sendo assim, utilizaremos algumas narrativas para justificar os traços e rabiscos que surgem nesta análise.



FIGURA 13

Olhando estas narrativas, observa-se que os corpos estão assumindo posições de utilidade. As representações dadas aos corpos, estão ligadas à serventia desse corpo em relação ao local onde ele vai ser utilizado. Conforme a fala do **Gustavo** “...aparece só uma sombra de um trabalhador, éh...os perigos que o corpo sofre durante um trabalho, durante nosso trabalho, o nosso dia-a-dia que podem ocorrer... dificuldades...ali ele ta trabalhando logicamente, mas de repente ele pode tar trabalhando num edifício, alguma coisa assim, e estar correndo riscos... ter algum problema com o que ele tem de mais importante que é o corpo dele...” ou seja, os estudantes alegam que hoje seus corpos servem para algumas atividades que anteriormente não serviam, e também, que hoje conseguem utilizar os corpos bem melhor que antes.

Nestas colocações, há uma separação de corpo e razão, reforçando o dualismo moderno do século XVII. As narrativas traçam uma rede de significados assumidos pelos corpos, e conforme Foucault (2004), estas representações não são novas interpretações e sim, representações de discursos.

As segmentações dos corpos, enquanto individual (homem) e máquina (espécie), são representações passadas: aquela “constituindo-se por saberes constitutivos de uma anátomo-política do corpo humano”, e esta “se estrutura no século XVIII, com a sociedade de controle” (SÁ, 2003, p.78).

Refletir sobre os corpos, apoiada nos pensamentos dos autores, faz com que estes colaborem e reforcem meu trabalho, colocando em questão certos hábitos corporais utilizados na sociedade atual.

Retomando outra narrativa do **Gustavo**, *“meu corpo é basicamente dividido em instrumentos de trabalho, lazer, ou qualquer outra coisa, porém ele não é dividido, é o mesmo corpo matéria que vai vivenciar todos espaços sociais. Ele é um corpo que me satisfaz para algumas coisas e que não me satisfaz para outras. Tenho um corpo que pensa rápido, organiza as idéias, por isso mais intelectual, porém gostaria de ter um corpo mais atlético para conseguir desenvolver melhores meus momentos de lazer no esporte. Outra concepção de corpo é feita dentro de uma auto-imagem, nessa situação acredito gostar em parte do jeito de me vestir, falar, andar e tudo mais que envolve uma imagem “construída” por mim e “escolhida” por mim, mas meu corpo como estética não me agrada, mas isso não importa muito porque ninguém ou quase ninguém gosta do seu mesmo. Só que a estética por mais que algumas pessoas relutem com isso faz parte do bem estar de cada pessoa...”* representando a questão apontada por Haraway, quando se refere ao ciborgue, pois nas escolhas de suas figuras para o painel ele aponta um grupo de homens/robôs/trabalhadores e faz a reflexão da inferiorização ou subordinação do homem/mulher ao mercado e a modernização de um modo geral - a moda, marcas, padrões de beleza, posturas e etc.

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. (HARAWAY, 2000, p.40).

Nesta reflexão, retomamos as experiências vividas, as lutas cotidianas, a realidade social e científica dos corpos, suas construções e produções pela busca de novas formas de viver. Formas produzidas meio a política de mercado, tecnologia e cientificismo.

Nos corpos representados pelos acadêmic@os, encontramos estes enquanto produtos de seus trabalhos, segmentados, ficando explícitos os corpos, utilitaristas e servis, já que, “ a força física, a energia física, transformava-se em força de trabalho e era vendida como mais uma mercadoria, pois era a única coisa que o trabalhador dispunha para oferecer no ‘mercado’ dessa chamada ‘sociedade livre’”(COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 51).

Rebeca - ... *aquele pessoal se bronzando...a preocupação em manter um corpo bronzeado...*

Claudia - ...*tem aquela ... fazendo ginástica também por vaidade, por exigência, também trabalha com o corpo...*

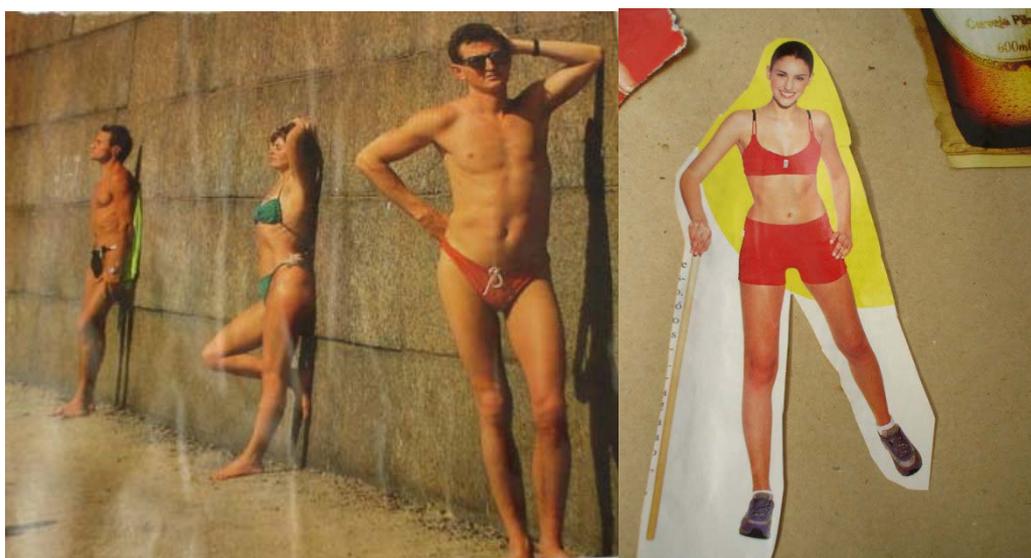


FIGURA 14

Está bem representado o perfil de pessoa que pratica esporte, visto que, um dos fenômenos importantes do esporte são as áreas de conhecimento que lhe sustentam, objetivam “a melhoria do desempenho esportivo e, como meio, a exigência fundamental de colocar o corpo sob o máximo controle” (VAZ, 2000, p.93). Ainda dentro desta perspectiva encontramos os campos da atividade física e saúde, criando uma relação com o corpo baseado no domínio, controle e rendimento, em virtude de ser um fenômeno social.

Ressaltando a questão do corpo malhado, bronzeado enquanto perfil idealizador que trás consigo as marcas do meio, no qual está inserido. O corpo rendimento está expresso nestas narrativas d@s acadêmic@s da Educação Física por estabelecer conforme o Coletivo de Autores, onde o exercício físico terá um papel de destaque,

... passaram a ser entendido como ‘receita’ e ‘remédio’. Julga-se que, através deles, e sem mudar as condições materiais de vida e que estava sujeito o trabalhador daquela época, seria possível adquirir o corpo saudável, ágil e disciplinado exigido pela nova sociedade capitalista. (1992, p.51)

Ao estabelecer algumas funções para a Educação Física da época, entre elas está a de “desenvolver e fortalecer física e moralmente os indivíduos” (apud., p.52) que é encontrada, ainda hoje, nas narrativas dos acadêmic@s e que eram entendida como uma atividade exclusivamente prática, ministrada pelos instrutores físicos do exército que levavam para a instituição escolar da época “os rígidos métodos militares da disciplina e hierarquia” (apud., p .53).

A relação com o disciplinamento está bem forte nas narrativas, assim como, com os corpos e sua performance física, pois nas figuras escolhidas, estão todas associadas e interligadas as questões de rendimento e saúde, visivelmente fortalecendo a prática esportiva enquanto aprimoramento físico para uma vida saudável e ativa.

Para esta representação retomo as narrativas do Gustavo e do Alex, ao falarem do treinador “gordo” e comentarem seu desempenho no time do Pelotas. Numa dessas narrativas, está expresso, as representações de corpos - “modelos”, corpos - rendimentos, classificando-os conforme as modalidades esportivas e suas necessidades corporais e atléticas, além de, ressaltarem as qualidades do treinador enquanto treinador, independentemente por assumir ou não a representação de um corpo atlético e performático.

As vozes autorizadas nesta tela faz da aquarela, assim como, dos interlocutores contribuintes na constituição e construção deste trabalho. E assim dou prosseguimento ao que entendo, sejam as considerações finais para conclusão desta pintura.

A tela agora acabada vai para mais um rabisco, ou seja, o retoque final, a moldura para poder ser exposta, admirada, rejeitada... enfim vista.

5.1.5 - Corpos – expressão, midiáticos

Nesta representação emergiu os discursos de “corpos – expressão (corpos que falam)” que será analisado a seguir, sendo mais uma pincelada para esta tela.



FIGURA 15

Tomás – “...aquela figura do desenho ali embaixo, de duas mulheres dançando numa festa, que eu acho que uma festa, é o lugar que tu expressa bastante teu corpo, diversas formas de expressões... uma outra foto que, também fala bastante de expressão de corpo que é a questão do teatro, né, que são aqueles dois palhaços”.

Este sujeito fala de um comediante que expressa corporalmente o que verbaliza trançando um pouco do que registra ao escrever sobre a ginástica e o papel que o circo do século XIX assume marcando seu sucesso nas diferentes classes sociais, na qual, o mesmo espetáculo era assistido em dias e horários diferenciados. “O corpo ali exibido em movimento constante despertava o riso, o temor e, sobretudo, a liberdade. Havia uma inteireza lúdica na gestualidade de cada personagem” (SOARES, 2002, p. 24).

Gestualidade reproduzida pelos artistas modernos que de certa forma demonstram resistência às regras e normas a partir de seus corpos, desafiando com seu humor as instituições, ou sendo utilizados por elas para explorar o mercado capitalista, não é diferente da visão do século XVIII e XIX, na qual, o mundo do circo trazia o corpo como centro de

entretenimento, priorizando imagens, luzes, sons, gestos e risos, deslocando as pessoas das vilas, desestabilizando a rotina diária de trabalho e os comportamentos civilizados da época

Ainda de acordo com Soares (2002) há um conjunto de saberes apagado do registro e da memória do povo, tratando-se de práticas populares tradicionais de artistas de rua, e acrobatas, vistas pelos higienistas e pedagogos do século XVIII, como sendo prejudiciais ao corpo.

Para esta autora, nos escritos da ginástica do século 20, a negação de elementos cênicos, funambulescos, acrobáticos, instalando-se na época um desejo de controlar o divertimento do povo, no tempo fora do trabalho. A recusa em relação aos espetáculos do mundo circense e das festas populares foi de grande repercussão, na qual os corpos ocupavam o lugar principal. Mas, foi à ginástica científica que através dos corpos, se ofereceu enquanto espetáculo de controle corporal.

Dentre todos estes discursos à beleza do gesto, o lúdico, o mágico, o riso e a alegria: que caracterizavam o mundo circense, deveriam ser apagados da memória do povo, “em nome do que se chamava precisão, utilidade e rendimento” (SÁ, 2003, p.83).

"Corpos – imagem (corpos midiáticos)", outra forma de representação surgida a partir do curso narrativo com os acadêmico@s da Educação Física. Seus discursos estão a seguir contribuindo na construção desta pintura. Conforme **Tomás** “...coloquei duas fotos de certo e errado ... são aquelas figuras que falam sobre roupa, e eu não pensei muito de porque colocar as duas, mas foi uma coisa que me chamou atenção por causa da vestimenta, de por que uma roupa é certa e por que outra é errada, quer dizer o valor que eles dão pra importância de cair certo, de cair bem uma roupa ou não pra cada pessoa...”.



FIGURA 16

Os corpos colados no painel em sua maioria e os discursos emergentes, estão representando o estereótipo do corpo hodierno, circulante nos meios de comunicação de massa, na qual, as estratégias de *marketing* utilizadas são em torno dos “padrões de beleza” criados a partir da normatividade da ciência” (SILVA, 2001, p. 58) e dentro da necessidade de mercado objetivando colocar a venda algum produto, ou seja, induzindo um perfil de corpo a ser adquirido e desejado. Para Louro (2003) “distintas instâncias culturais falam dos corpos, afirmam o que eles são, explicam-nos, dizem como são, como devem ser. Decidem sobre a sexualidade, sobre a vida, o prazer, o nascimento e a morte”.

Os discursos produzidos são baseados no discurso branco europeu do século XIII, e assim como o corpo negro não se reconhece como negro o branco e o ruivo também não se reconhece como tal. As pessoas estão tão impregnadas com os discursos midiáticos, que correm atrás desse padrão, dessa armadilha mercantil, reproduzindo o que é por nós assumido.

Cléber – “...isso é mais por julgamento do outro... porque mesmo no julgamento tu ainda vê, pessoas ...bem gordinhas, digamos assim, com aquela calça justa, que tu vê a barriga caindo para fora, com a camisa justinha aparecendo à barriga, e não tão nem aí...”. Hoje a masculinidade está um pouco menos dominante que algum tempo atrás em virtude da contestação dos valores herdados de seus pais e mães, e pela luta travada dos movimentos feministas da década de sessenta.

Mesmo sendo uma mudança pequena, os indicadores destas transformações são importantes, registrando um fenômeno “restrito em termos sócio-culturais” (LISBÔA, 1998, p. 132), porém o interessante disto é poder olhar o outro sem precisar fazer dele um de nós, e saber que as diferenças estabelecidas são construções sociais inscritas e marcadas nos corpos, vivenciadas, experienciadas e colocadas em prática levando em consideração uma relação de saber- poder-conhecimento sobre a situação que se apresenta.

Novamente acaba sendo trazida a reflexão à relação homem/mulher e seus padrões, oferecidos pelo mundo do capitalismo. A mulher expressa a beleza, a elegância deixando entrelinhas que “a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino” (SANT’ ANNA, 1995, p.121), e também reforça as identidades sexuais, na qual acredita, estabelecendo uma relação bem marcante entre o casal. Junto a esse casal está na narrativa do carro, enquanto prazeres, desejos do corpo em meio a suas ambições construídas pela política de mercado do sistema vigente. Nesta narrativa criam-se condições para que se pense na ação coerciva da disciplina do corpo, uma vez que os conhecimentos gerados atuam como

“prescrições/regulamentações das atitudes, comportamentos, hábitos etc.” (SOUZA, 2001, p. 145) das pessoas em relação as suas vidas.

A lógica assumida por cada indivíduo de como cuidar do corpo, está ligado e intrinsecamente relacionado “a ampliação de um mercado específico” (SILVA, 2001, p. 57). Este mercado ao qual me refiro, projetam no público a necessidade de ter um maior conhecimento e cuidado com o corpo, estabelecendo assim, um mercado de aparências que canaliza seus especialistas nas áreas de embelezamento, prazeres, saúde e educação para atuarem e aplicarem seus conhecimentos sobre os corpos. Para Sant’Anna (2003)

Ilustrativo a este respeito é o exemplo da vertiginosa proliferação midiática de imagens do corpo feminino considerado belo e saudável. A partir do século XX, principalmente, as imagens de mulheres despidas e distantes da proteção da Igreja tornaram-se banais em várias culturas do mundo ocidental: insurgiram na publicidade de jornais e revistas, constituíram cartões-postais, sustentaram boa parte do sucesso do cinema e, a seguir, da televisão. Imagens de belas mulheres que incitam o desejo masculino mas que, igualmente, instigam todo o desejo humano a ser algo sempre disponível, pronto para ser acessado. Um desejo que, se não der provas de sua existência fácil e forte, e se não irromper rapidamente à flor da pele a cada vez em que é convocado, corre o risco de abalar a certeza - por vezes miúda e frágil - da importância da própria existência.

As imagens dos corpos manifestam-se através de sua “altura, peso, postura, andar, conduta, tom de voz, estilo de falar” (SÁ, 2003, p. 94), na qual a percepção destes é dominada pelas imagens que mostram o ideal corporal. As pessoas são persuadidas a chegar na aparência ideal, em virtude, das propagandas, das imagens midiáticas. A multiplicidade de cenários está aumentando, quando se refere à construção e interpretação do jogo da moda. A “articulação corpo-sentido-perfeição e moda adquire contornos que parecem ultrapassar questões de ordem econômica ou cultural” (ibid., p. 97).

Fica específico nesta representação de “corpo – mídia” observar na sexualidade, na beleza e na moda a orientação, ou melhor, a vitrine da re-descoberta e consumo dos corpos, visto que, conforme Sá ao falar do corpo comenta:

A redescoberta do corpo, sob o signo da libertação física e sexual na moda e na cultura, a obsessão pela juventude, elegância e virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, testemunha que o corpo se tornou objeto de salvação. É preciso acreditar que o corpo que se tem é de fato totalmente possuído, pondo seu proprietário completamente disponível diante de suas vontades e sonhos. (2003, p. 97).

Observa-se que somos educados com olhares, imagens de perfeição sobre os corpos, “**Rebeca** - ...aconteceu um fato comigo na academia, pois apesar de eu estar trabalhando na academia eu não estou fazendo exercício físico, eu dou a minha aula e vou embora e aí um dia chegaram umas meninas e disseram: *Eu só entrei nesta academia porque as professoras eram todas magrinhas. Se eu fosse gordinha a Dona teria perdido uma cliente... Na verdade o que hoje me faz não gostar da academia é que esse espaço é muito moda, tem que estar usando a roupa para malhar, da moda, corpo sarado, e a estética. Eu sou magra os meus pais são uns esqueletinhos, na verdade eu fujo um pouco disso. O meu corpo não bate com meu pensamento*”, imagens estas em sua maioria, irrealizáveis, mas implantadas pela cultura midiática para que sejam incorporadas e consumidas, tornando-se realidade irreversível. O consumo gerado e incentivado pela mídia carrega vários elementos que de acordo com Silva, são: “a busca pelo *status* social, a sedução que se deseja incentivar, a tribo da qual se deve fazer parte” (2001, p. 87) e sendo assim, esse modelo de corpo acaba afastando o indivíduo de sua autonomia, e também, “deve-se destacar o caráter de inconsciência ante essas alterações na imagem de corpo e das exigências em buscar ou manter essa imagem” (apud.).

Para **Alessandro** “...sendo objetivo e subjetivo me percebo como um corpo histórico construído de várias maneiras e com várias implicações, fica claro ou turvo que o corpo pode ser visto ou entendido de várias formas. O meu vejo como algo que luta contra o que é e o que quer ser ou então se confunde entre os dois. É um corpo dotado de imagens e significados...” .

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refazendo o caminho trilhado para emergir esta tela, agora um pouco distanciada do grupo interlocutor deparo-me com o compromisso do que pude assimilar de suas narrativas, meio a uma rede de significações produzidas naquele cotidiano sobre as representações de corpos e seus significados.

Minha proposta de pesquisa visava investigar os entendimentos de corpos dos acadêmic@s do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, através de estratégias variadas que propiciassem seus discursos em torno das representações de corpos e sua re-significação, aderindo então a nomeação: *“Representações de corpos e seus discursos: pintando a tela a partir dos olhares d@s acadêmic@s de Educação Física”*.

A partir das culturas de cada interlocutor – esta aquarela foi dando significado ao processo de narrar fatos, experiências, histórias de vida, comentários, sussurros, escolhendo figuras, fotos, que estão através da linguagem atravessadas pelos ambientes que os constituíram e conseqüentemente, nas interlocuções, contatos, negociações em meio às relações estabelecidas e legitimadas, construindo significados.

Faço esta pincela sobre a tela com a intenção de entender as representações de corpos e minha própria constituição frente aos significados que são produzidos culturalmente, e que fez me aproximar dos acadêmic@s e suas construções culturais, nas diferentes maneiras que cada um se constituiu, neste percurso nada linear, sendo influenciados a todo o momento pela família, religião, profissão, mídia entre outras, ou seja, ambientes de convívio e relações.

Pensando nestas questões através do Curso “Corpo e Ambiente” foram construídas narrativas, em diferentes dimensões, sociais, culturais, políticas, enfim, criando resistência nas manifestações entorno das representações de corpos. Ao serem problematizadas, emergiram outras narrativas no fluir dos discursos, como “corpos enquanto fases da vida”, “corpos – poder, força”, “corpos – desejo, consumo”, “corpos - visão utilitarista, (corpos -instrumento de trabalho, segmentado, saudável)” e “corpos – expressão (corpos midiáticos)”. A partir de suas narrativas, conforme Larrosa (2003) do que se vem dizendo, sobre os corpos, observa-se que os corpos são constituídos por diversas épocas e atravessados a todo o momento pelos distintos discursos, práticas sociais, enunciados científicos, dentre outras construções que circula na trama social, sendo que, os discursos são a todo o momento, assumidos e re-significados pelos sujeitos.

O curso oferecido para obter a coleta dos dados narrativos, serviu para desestabilizar, as representações de corpos como acontecimentos discursivos que vão sendo reproduzidos sem serem contestados.

Através dos olhares desta aquarela, construí a tela, na qual, foram enfatizados e reforçados alguns discursos que representam os sujeitos da Educação Física. Nestas representações de corpos emergiram: a força masculina, o embelezamento feminino, a saúde, o poder político e religioso, o disciplinamento, a serventia, a sexualidade e as fases da vida, enquanto fenômeno biológico sabendo que estes discursos não estão dissociados.

Suas narrativas trouxeram depoimentos a respeito dessa seara de corpos do cotidiano, dos esforços que fazem, mas parecem não fazer, para manter os corpos com a “cara” da Educação Física, envolvendo roupas especializadas para área, um corpo sarado, mesmo que com pouco esforço, um esteriótipo de corpo que reforça o discurso midiático e mesmo quando não estão dentro desses discursos, acabam buscando, reproduzindo e incorporando em doses homeopáticas.

Entendo que as narrativas tenham sido significativas no decorrer do processo, e por isto, acredito ser importante pontuar algumas questões que para mim tornam-se bastante expressivas:

Pintar sobre o corpo é retomar a pluralidade na qual estamos imersos, , pois mesmo pertencendo à espécie “humana” somos sujeitos com maneiras diversas e diferentes de se expressar.

➤ Questões referentes ao embelezamento feminino, desejo e consumo, resignificando os discursos conforme Sant’ Anna (1995) na qual valoriza o corpo feminino, mãe, mulher – enquanto espaço reservado e íntimo.

➤ O disciplinamento enquanto relações e problematizações feitas por Foucault (1987) ao relacionar em uma de suas obras às instituições de seqüestro (as prisões, os conventos, as fábricas, as escolas) na produção de corpos dóceis e úteis à sociedade.

➤ O discurso de poder está pautado na diferença, mas uma diferença baseada na questão de poder – economia. Poder espalhado em suas pequenas partes, que é capaz de resistir, movimentar-se, mesclando-se a outros poderes em circulação, nas diversas instâncias, e nos diferentes corpos que somos e em quem estamos nos tornando. Está explícito o corpo relicário, ou seja, o corpo diferenciado, raro, sagrado, delineado e que trás em si as inscrições da atenção, força e agilidade.

➤ Nos discursos sobre corpos – desejos e consumo, estão expressos os corpos, enquanto desejo sexual, abordado por Lupton (2000), na qual o corpo recebe algumas limitações sociais, quanto a formas de expressão eróticas, consideradas depravadas e promove outras – habituais, pois estão ligadas intimamente com a economia de mercado.

➤ Corpos – visão utilitarista. Nesta questão, há uma separação de corpo e razão, reforçando o dualismo moderno. As narrativas traçam uma rede de significados assumidos pelos corpos, e conforme Foucault (2004), estas representações não são novas interpretações e sim, representações de discursos que se ressignificam a partir do ambiente.

➤ De acordo com Soares (2002) há um conjunto de saberes apagado do registro e da memória do povo, tratando-se de práticas populares tradicionais de artistas de rua, e acrobatas do século XVIII, porém atualmente, os corpos – expressão são mais valorizados em suas práticas populares.

➤ E nas relações estabelecidas, representadas e ressignificadas está o ambiente, representando o movimento histórico, social, político, cultural entre outros que intervêm nos corpos, marcados pelas pedagogias a partir dos discursos assumidos, vivenciados ou ignorados. O Ambiente representa o lugar, momento, época que propicia aos corpos construir e reconstruir seus discursos a partir de suas identidades mutantes.

➤ Percebo que nossos corpos, nossa imagem faz parte de nossa identidade visto que somos constantemente avaliados não apenas pelo que somos mas, ainda pela aparência do que demonstramos ser. Essa visibilidade conferida ao corpo apresenta desdobramentos que podem facilmente ser observados através dos produtos e serviços relacionados à denominada indústria da beleza e da saúde, cuja ampliação não cessa de acontecer.

➤ Ser jovem, belo, saudável e ativo, parece ser uma imposição da contemporaneidade. Se por um lado há algo de interessante a ser observado nesse processo e que diz respeito ao cuidado que as pessoas podem ter sobre si próprias, sua saúde e seu bem-estar por outro, há preocupações a serem registradas, e aqui me refiro aos exageros e aos descuidos que, por vezes, esse mesmo movimento acarreta.

➤ Faço um chamamento, um alerta para que se observe o corpo a partir de um outro patamar, que não seja através das representações hegemônicas de beleza, saúde e performance.

➤ Desejo a atenção dos futuros profissionais da Educação Física para um trato com sua corporeidade de forma mais sensível, ressignificando seu entendimento e percebendo-se enquanto parte do ambiente.

De momento, creio que pude pintar e rabiscar sobre as representações que emergiram nos cursos narrativos, reconstruindo os corpos a partir das problematizações, fotos, figuras, histórias narradas, contadas e re-contadas a cada fala.

Entendo que neste momento estou colocando a moldura desta tela, para poder deixá-la a disposição de olhares, críticas, comentários, elogios, reflexões de um modo geral, e sendo assim, chamo um interlocutor para dizer que:

Na fala, a palavra que digo ou me escapa está dita. Não há como fugir ao fato. Mas na escrita posso apagá-la, suprimi-la ou substituí-la. No ato de escrever sinto-me dono de meu próprio texto. Posso mudá-lo a qualquer momento, destruí-lo até. Quando, porém, ele ganha mundo, quando passa ao domínio público, sinto que me fugiu, emancipou-se, escapou de meu alcance. Uma sensação muito viva e estranha: a de só agora ver a cara de meu filho ao mesmo tempo em que dele me despeço; vê-lo cair na vida, ausentar-se entregue à indiscrição de quem não conhece, a destinos que fogem a meu controle. Talvez à chacota e ao desprezo, talvez à acolhida amiga, à simpática oportunidade de ser útil a alguém. É isso que faz dramático meu ato de escrever, e cheio de surpresas, de temores e alegrias. MARQUES (2001, p.25).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRACHT, Valter. **Educação Física & Ciência**: cenas de um casamento (in) feliz. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

CODO, Wanderley e SENNE, Wilson A. O que é Corpolatria? São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo. SP: Cortez, 1992.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

CONNELLY, Michel F.; CLANDININ, Jean D. In: LARROSA, Jorge. [et al]. **Déjame que te cuente**: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona:Editorial Laertes, p. 10-59, 1995.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CORRÊA, J. Romaguera. **Vocabulário Sul Rio-Grandense**. Echenique & Irmão: Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, 1898.

COSTA, Marisa. Vorraber. Estudos Culturais - para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, M. V. (Org.) **Estudos Culturais em Educação** - mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p.13 – 36.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. São Paulo: Papirus, 1994.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 15.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979/2002.

_____. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 10. ed. São Paulo: Edições LOYOLA, 1998/2004.

_____. **A arqueologia do saber**. 4.ed.RJ: Forense-Universitária, 1995.

_____. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 25ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo** – cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte:Autêntica, 2000.

GIROUX, Henry A. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 132-158, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres em movimento**: imagens femininas na Revista Educação Physica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.25, n. 2, p. 77 - 94, jul./dez. 2000.

____. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, p.28 – 41, 2003.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo e LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. In: **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, p. 41 – 54, 2003.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.). **Representation**. Cultural representations and signifying practices. Sage: Open University; London; Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Thomaz Tadeu da. (org.); HALL, Stuart e WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, p.103 – 133, 2000.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: SILVA, Thomaz Tadeu da. **Antropologia do Ciborgue** – as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, T. T. da (org. e trad.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.7-131.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4.ed. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

____. [et al]. **Déjame que te cuente**: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona:Editorial Laertes, 1995.

____. Tecnologias do Eu e Educação. In: Silva, Tomaz Tadeu da. (org.). **O Sujeito da Educação**: estudos Foucaultianos. Petrópolis: Vozes, p.35-86, 1994.

LISBÔA, Maria Regina Azevedo. Masculinidade: as críticas ao modelo dominante e seus impasses. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Mirian Pillar (Orgs.). Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p. 131-138.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

____ ; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. **Labrys**: estudos feministas, n. 4, ago/dez, 2003. Disponível em: <http://unb.br/ih/his/gefem>. Acesso em 03/5/2003.

____. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n. 2, p. 101 - 132, jul./dez. 2000

____. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.25, n. 2, p. 59 - 75, jul./dez. 2000.

____. **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade. Tradução dos Artigos: Tomaz Tadeu da Silva - Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

____. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUPTON, Deborah. Corpo, prazeres e práticas do eu. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.25, n. 2, p. 17 - 48, jul./dez. 2000.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

NELSON, Cary, TREICHLER, Paula A. & GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma Introdução. In: SILVA, T.T. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 7 – 38

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a Sexualidade**: Discursos e Práticas de Professoras das Séries do Ensino Fundamental. 2002. 125f. Tese (Doutorado em Bioquímica. Estudos em Educação em Ciências)- Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2002.

SÁ-CHAVES, Idália. **Portifolios reflexivos**: estratégias de formação e de supervisão. Aveiro – Universidade. 2000 – 57 p. – Cadernos didáticos. Série Supervisão – 1.

SÁ, Raquel Stela de. Do corpo disciplinar ao corpo vibrátil: uma abordagem literária contemporânea. Rio de Janeiro: achiamé, 2003.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. A insustentável visibilidade do corpo. **Labrys**: estudos feministas, n. 4, ago/dez, 2003. Disponível em: <http://unb.br/ih/his/gefem>. Acesso em 03/5/2003.

_____. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 121-140.

_____. Descobrir o corpo: uma história sem fim. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.25, n. 2, p. 49 – 58, jul./dez. 2000.

_____. É Possível Realizar uma História do Corpo? In: Soares, Carmen Lucia (org.). **Corpo e História**. São Paulo: Autores Associados, p. 3 – 23, 2001.

_____. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo,: Estação Liberdade, 2001.

_____. Denise Bernuzzi de. A insustentável visibilidade do corpo. **Labrys**: estudos feministas, n. 4, ago/dez, 2003. Disponível em: <http://unb.br/ih/his/gefem>. Acesso em 03/5/2003.

SANTOS, Luiz Henrique Sacchi dos. “Um preto mais clarinho...” ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p.81-116, jul./dez. 1997.

SCHULMAN, Norma. *O Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 167-224.

SENNETT, Richard. Carne e Pedra. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: ROMERO, Elaine. (Org.). **Corpo, mulher e Sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.(01-66).

SILVA, Adriane Corrêa da. **Características dos Conteúdos de Educação Física no Ensino Médio do Rio Grande do Sul**: ênfase e omissões. 2003. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar). Escola Superior de Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, 2003.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas, SP: Autores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

____. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

____. **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

____. **Teoria cultural e educação** – um vocabulário crítico. Belo horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

____. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 2.ed. ver. –Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. **Que corpo é esse?** O corpo na família, mídia, escola, saúde... 2001. 168f. Tese (Doutorado em Bioquímica. Estudos em Educação em Ciências)-Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2001.

____. Representações de corpo-identidade em histórias de vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.25, n. 2, p. 95 – 116, jul./dez., 2000.

STEINBERG, Shirley e KINCHELOE, Joe. **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 9-52.

____. Michel Foucault e os Estudos Culturais, In: COSTA, M. V. (org.). **Estudos Culturais em Educação** - mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema ... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 37 – 72.

VEIGA-NETO, Alfredo. A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista. **Educação e Realidade**, v. 21, n. 2, p. 161-176, jul-dez, 1996.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. 2.ed. **Cadernos CEDES**, ano XIX, nº 48, p.89 - 108, agosto, 2000.